

FACULDADE CATÓLICA SALESIANA DO ESPÍRITO SANTO

DARLENE FABRI FERREIRA ROCHA

**A PRESENÇA DAS EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICO CULTURAIS NA FORMAÇÃO
UNIVERSITÁRIA: UM PROCESSO PROFISSIONAL E HUMANO NA
FACULDADE CATÓLICA SALESIANA DO ESPÍRITO SANTO**

VITÓRIA

2016

DARLENE FABRI FERREIRA ROCHA

**A PRESENÇA DAS EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICO CULTURAIS NA FORMAÇÃO
UNIVERSITÁRIA: UM PROCESSO PROFISSIONAL E HUMANO NA
FACULDADE CATÓLICA SALESIANA DO ESPÍRITO SANTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo,
como requisito obrigatório para obtenção do
título de Licenciatura em Educação Física.

Orientador: Prof. Dra. Talita Cristina Garcia

VITÓRIA

2016

DARLENE FABRI FERREIRA ROCHA

**A PRESENÇA DAS EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICO CULTURAIS NA FORMAÇÃO
UNIVERSITÁRIA: UM PROCESSO PROFISSIONAL E HUMANO NA
FACULDADE CATÓLICA SALESIANA DO ESPÍRITO SANTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Educação Física.

Aprovado em 14 de Julho de 2016, por:

Prof. Dra. Talita Cristina Garcia, FCSES - Orientadora

Prof. Dr. Nilton Poletto, FCSES

Prof. Ms. Thiago Machado, FCSES

AGRADECIMENTOS

Iniciam antes mesmo da inserção no Curso de Licenciatura em Educação Física da FCSES.

A Deus por crer que ele escreve nossa história antes mesmo que tenhamos noção dos novos planos e objetivos que surgirão em nossa vida. Por me dispensar de um emprego burocrático dentro de quatro paredes reascendendo um desejo antigo (na adolescência era uma das opções de curso para vestibular) de realizar essa graduação. Mas a hora era março de 2013.

Ao apoio e ajuda da minha mãe (Marlene Fabri Ferreira), a quem devo agradecer infinitamente por, ao longo da vida nos permitir e apoiar em nossos projetos.

A Giovanna minha afilhada e seus pais pelo convite de batiza-la (hoje com cinco anos), despertando em mim uma paixão enorme por crianças e desejo de trabalhar com elas.

Amoroso ao meu esposo, William Cristian Rocha, por confiar, compreender e apoiar, pois foram anos de muita dedicação e compromissos acadêmicos.

Aos professores do curso e de outros cursos que contribuíram enormemente para esse processo e formação docente.

Ao professor Leonardo Miglinas por ser a porta para o primeiro e segundo estágio não obrigatório na área de natação, com profissionais excelentes.

A FCSES por proporcionar oportunidades de participação em projetos de extensão e pesquisa aos alunos.

Ao professor Samuel Thomasini pelas orientações e apoio no Projeto de Extensão Esporte Cidadão e nas disciplinas por ele ministradas ao longo do curso. Também a coordenação administrativa do projeto nas pessoas do Marcio Dutra e Washington.

Aos professores Maria Celeste Rocha e Thiago Machado pelo apoio e confiança em trabalho apresentado no Congresso Brasileiro da área. Pelas orientações nas disciplinas, nos estágios supervisionados, pelas indicações de leitura, pelas sugestões.

Especial à professora Danúbia Aires por proporcionar experiências com a prática corporal que particularmente me emociona e em diversas vertentes, a dança, através das disciplinas e especialmente do Projeto de Extensão em Danças, AnDanças.

Muito especial a professora Ms. Juliana Moreira por proporcionar contato com diferentes linguagens artísticas por enriquecedores e movimentadores dois anos do Projeto de Extensão Cultura e Arte que serão levadas para toda vida. Ainda por confiar-me orientanda em Projeto de Iniciação Científica que culminou nesse trabalho.

Carinhoso a professora orientadora Talita Garcia, do curso de Filosofia, que abraçou essa pesquisa e contribuiu muito para discussão filosófica e prosseguimento do projeto.

Ao professor Nilton Poletto pelas reflexões nas disciplinas ministradas, por ascender visões sobre o conhecimento e as relações humanas pertinentes ao curso e a docência. Por aceitar fazer parte dessa banca, pois sua opinião nesse momento tem enorme valor nesse processo de formação.

Aos lindos colegas que conheci nos projetos de extensão, no estágio, na turma. Parceiros profissionais que posso contar.

Aos colaboradores da FCSES: coordenação de esportes (Diego e Reginaldo) que nos acolhe com carinho e tias da copinha e serviços.

RESUMO

Observamos um aumento no número de instituições destinadas ao ensino superior e a busca dos indivíduos por uma formação profissional com intuito de encontrar espaço em um sistema cada vez mais exigente no que diz respeito a profissionalização. Na graduação o contato com as diferentes formas de manifestações artísticas que envolvem a sociedade a partir de projetos de extensão desenvolvidos na instituição aliado aos estudos acadêmicos fez surgir indagações sobre como os universitários enxergam a relação entre as atividades não obrigatórias e as relações dessas com sua formação pessoal e profissional. Acreditando que o processo de formação universitário deve englobar o profissional e o humano o trabalho tem como objetivo investigar as experiências que os estudantes da Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo tem com as manifestações artístico culturais e como eles as relacionam com a formação universitária. A investigação de campo foi feita para coleta de dados de um universo de estudantes universitários cursando os períodos finais de alguns cursos e tais dados submetidos a análise quanti-qualitativa. A análise parte de estudos embasados na teoria crítica sobre cultura e formação humana e cultural. Observamos uma forte influência da indústria cultural e um entendimento limitado de cultura por parte dos sujeitos o que afeta a formação integral do que, acreditamos, sejam os sujeitos-profissionais.

Palavras-chave: Ensino Superior. Formação profissional. Experiências artístico culturais. Formação humana.

ABSTRACT

We observed an increase in the number of institutions for higher education and the pursuit of individuals for vocational training in order to find space in an increasingly demanding system with regard to professionalization. On graduation contact with the different forms of artistic expressions that involve society from extension projects developed in the institution allied to academic studies has raised questions about how the university they see the relationship between non-compulsory activities and relationships of these with their training personal and professional. Believing that university training process should include the professional and human work aims to investigate the experiences that the students of the Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo has with the artistic cultural events and how they relate to university education. The field investigation was conducted to collect data from a universe of college students attending the final periods of a few courses and such data under analysis quantitative and qualitative. The analysis part of studies grounded in critical theory and cultural human culture and training. We observed a strong influence of the cultural industry and a limited understanding of culture by the subject which affects the integral formation of what we believe are the subject-professionals.

Keywords: Higher education. Professional qualification. Cultural artistic experiences. Human formation.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Percentual comparativo entre as experiências de maior e menor (música e teatro) expressão em relação a usufruir, frequentar e agradar do grupo CHSA.....	53
Tabela 02 - Percentual comparativo entre as experiências de maior e menor expressão em relação a usufruir, frequentar e agradar do grupo CS.....	53
Tabela 03 - Percentual comparativo entre as experiências de maior e menor expressão em relação a usufruir, frequentar e agradar do grupo CB.....	54
Tabela 04 - Percentual sobre o hábito de ouvir música dos grupos CHSA, CS e CB.....	55
Tabela 05 - Percentual dos estilos musicais que mais e menos agradam os grupos CHSA, CS e CB.....	56
Tabela 06 - Percentual sobre hábito de assistir filme no cinema e em casa dos grupos CHSA, CS e CB.....	57
Tabela 07 - Percentual sobre o hábito de ir ao teatro dos grupos CHSA, CS e CB.....	58
Tabela 08 - Percentual dos participantes sobre hábito de ir a museus nos grupos CHSA, CS e CB.....	58
Tabela 09 - Percentual sobre hábito de ler livros não relacionados a graduação dos grupos CHSA, CS e CB.....	59
Tabela 10 - Percentual do total de quem já escreveu algum conto, crônica ou poema.....	60
Tabela 11 - Percentual sobre costume e frequência para leitura de jornal dos grupos CHSA, CS e CB.....	61
Tabela 12 - Percentual dos participantes que já foi a alguma festa folclórica e qual dos os grupos CHSA, CS e CB.....	61

LISTA DE SIGLAS

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CB - Ciências Biológicas

CEFET - Centro Federal de Educação Tecnológica

CHSA - Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CS - Ciências da Saúde

FCSES - Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo

FMA - Filhas de Maria Auxiliadora

GT - Grupo de Trabalho

IES - Instituições de Ensino Superior

IUS - Instituições Salesianas de Educação Superior

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MEC - Ministério da Educação

SDB - Salesianos de Dom Bosco

SSCC - Associação dos Salesianos Cooperadores

UnB - Universidade de Brasília

USP - Universidade Estadual de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 REVISÃO DE LITERATURA	21
2.1 A UNIVERSIDADE NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE	21
2.1.1 A Universidade no Brasil	25
2.2 UNIVERSIDADE PÚBLICA E PRIVADA: OS JOVENS NO ENSINO SUPERIOR	28
2.3 A FILOSOFIA SALESIANA NO ENSINO SUPERIOR	35
2.4 A FORMAÇÃO PROFISSIONAL PARA ALÉM DA FORMAÇÃO TÉCNICA	38
2.4.1 Formação cultural ampla e formação humana na teoria crítica	40
3 METODOLOGIA	47
4 RESULTADO E DISCUSSÃO	51
4.1 AS EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICO CULTURAIS DOS UNIVERSITÁRIOS DA FCSSES	51
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS	76
APÊNDICE A – Questionário	81
ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	88

1 INTRODUÇÃO

Temos percebido um grande aumento no número de instituições destinadas ao ensino superior. Por incentivos governamentais ou pela necessidade eminente do mercado os indivíduos têm buscado uma formação profissional a fim de encontrar espaço em um sistema cada vez mais exigente no que diz respeito a profissionalização.

De acordo com Paula (2009) as universidades datam dos séculos XII e XIII e desde então buscam conquistar autonomia (na Idade Média frente a igreja e na Idade Moderna frente ao Estado). Entendemos que o cenário globalizado atual tem incentivado uma formação especializada para atender as dinâmicas de produção capitalista. Porém, acreditamos que por exigir um profissional de conhecimentos amplos e criativo a formação estritamente profissional amputa esses requisitos. Uma universidade que contemple em sua estrutura curricular e extracurriculares atividades voltadas para uma formação ampla e humana pode formar indivíduos mais preparados para a convivência. Essa estrutura oferece ao estudante diversas possibilidades para sua formação e a oportunidade para se desenvolver de forma ampliada, assim surge nossa questão problematizadora: Quais são as experiências que os estudantes da Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo tem com as manifestações artístico culturais e como eles as relacionam com a formação universitária?

Como participante de projetos de extensão universitária como Projeto Cultura e Arte na Faculdade e Projeto de Extensão em Dança (Andanças) foi possível perceber as diferentes formas de manifestações artísticas que envolvem a sociedade. Formas essas que não tem a divulgação maçante dos meios de comunicação mais apreciados por todos, em especial a televisão. A partir de estudos sobre formação humana e da experiência artística proporcionada por esses projetos em conjunto com a formação profissional foi possível maior clareza nas discussões teóricas da Licenciatura em Educação Física bem como respeitar as diferentes sensações vividas pelos sujeitos quando em contato com as experiências em aulas e atividades realizadas na instituição. Paralelo a isso é possível perceber as constantes discussões utilizando argumentos do senso comum bem como o desconhecimento dos colegas de curso quanto aos acontecimentos artísticos e a diversidade de conhecimento que rodeiam essas manifestações. A maior parte deles tem informações sobre o que a mídia (televisão, redes sociais) apresenta.

Quando afirmamos maior clareza nas discussões teóricas do curso nos referimos ao entendimento dos conteúdos desenvolvidos pelo professor de Educação Física como

elementos da cultura humana. A escola, local de atuação, é entendida por nós como um espaço de transmissão de culturas, ficando cada área do conhecimento responsável pelas suas especificidades. O trabalho com o movimento corporal é parte da compreensão de que as pessoas têm direito aos seus corpos. Corpos que denominamos de humanos, ou seja, possuem uma realidade cultural, são construídos nas relações socioculturais e reinventados nessas relações sendo expressos também na escola (VAGO 2009).

Pensando na relação que as experiências nos projetos de extensão proporcionaram à nossa formação acadêmica surgiram indagações sobre como os universitários enxergam a relação entre as atividades não obrigatórias e as relações dessas com sua formação pessoal e profissional. A Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo (FCSES) tem como visão estratégica “ser, até 2016, o Centro Universitário reconhecido como referência da qualidade de ensino e promoção de pesquisa e extensão” (FACULDADE CATÓLICA SALESIANA DO ESPÍRITO SANTO, [20..]) e vivenciou em 2015 esse processo de transição a partir da visita do Ministério da Educação (MEC). Além disso, a Identidade das Instituições Salesianas de Educação Superior (IUS) buscam oferecer aos jovens um serviço de formação integral nos aspectos científico e profissional, humano e cristão. Conforme o documento “a existência e as preocupações da IUS se justificam, sobretudo, pelo serviço qualificado da formação humana e profissional dos jovens [...]” (INSTITUIÇÕES SALESIANAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR, 2003, p.14).

Para alcançar nossa questão problematizadora a pesquisa objetivou investigar quais as experiências que os estudantes da FCSES têm com as manifestações artístico culturais e como eles relacionam com a formação universitária. Foi realizada pesquisa de campo utilizando de questionário para levantar dados sobre quais manifestações os acadêmicos, em especial dos períodos finais de diferentes cursos oferecidos pela instituição, gostam e usufruem bem como o que conhecem sobre filmes, teatro, dança, literatura, museus e folclore. Por meio de perguntas abertas puderam expor suas considerações para buscarmos compreender que relações fazem entre as experiências artístico culturais e a formação profissional.

No capítulo 2.1 da revisão de literatura iniciamos o trabalho com a pesquisa sobre a Universidade na História da Humanidade em que remontamos a academia de Platão na Grécia antiga, trazemos as primeiras instituições da Idade Média e então as mudanças da Idade Moderna. Finalizamos com A Universidade no Brasil e sua dificuldade de implantação desde o período colonial. País com quase 100 anos do surgimento da primeira Universidade instituída legalmente (Universidade do Rio de Janeiro, 1920) e com reformas significativas

que datam da década de 1960. Seguindo na pesquisa apresentamos os pressupostos do Ensino Médio para continuidade dos jovens nos estudos baseados na legislação e currículo para esse nível de ensino bem como os pressupostos para Ensino Superior no Brasil. Relacionamos a Universidade pública com a privada, acompanhando a história recente do Brasil e o acesso dos jovens a essas instituições. Sendo nosso campo de pesquisa o universo acadêmico da FCSES trazemos a filosofia Salesiana de ensino, em especial superior.

Os estudos ao longo da formação que culminaram nessa pesquisa se fundamentam na teoria crítica. A teoria crítica da sociedade é entendida como o trabalho interdisciplinar de teóricos da Escola de Frankfurt no início do século XX e que consiste numa crítica a sociedade alienada com vistas ao rompimento ao idealismo hegemônico (ABBAGNANO, 2007). Nesse sentido trazemos os conceitos de formação cultural e formação humana que nos fazem compreender a importância das construções humanas, apresentadas como manifestações artísticas culturais, para uma formação profissional para além da técnica reprodutora, mas que contemple a subjetividade dos sujeitos-profissionais. Embasados nesses conceitos analisamos os dados coletados na pesquisa de campo.

Observamos que a busca pela educação de nível superior tem como premissa a formação profissional. Esta no sentido de eficácia técnica para exercer tarefas. Isso se dá porque vivemos num mundo de produção e consumo acelerado e para inserção nessa sociedade torna-se necessário esse tipo de formação. Nesse sentido Severino (2006, p. 91) aponta que “[...] a educação superior vem sendo vista, cada vez mais, como apenas um aparelhamento técnico para o exercício de operações funcionais na sofisticada engrenagem tecnológica da produção”. O fato de estarmos num mundo globalizado não torna essa situação brasileira. A influência nos sistemas econômicos, culturais e educacionais de países hegemônicos cujos modelos são reproduzidos é global.

Concordamos com Severino (2006) que a universidade deve buscar uma formação que contemple o profissional e o humano, pois o preparo técnico é uma necessidade e a formação humana propõe que os sujeitos sejam autônomos para produzir contribuindo para que o profissional tenha uma formação integral.

Falar de formação humana é reconhecer a subjetividade humana como um processo de construção histórica. Ocorre a apropriação do que existe, ou seja, da tradição e então a transformação disso com autonomia e liberdade. Enquanto ser natural o homem possui suas necessidades rudimentares e imediatas que não se distingue dos demais animais. A partir

dessa satisfação surgem novas necessidades mais complexas. São as objetivações humanas que podem ser materiais e não materiais (MARX e ENGELS, 1989).

Por acreditar na universidade enquanto espaço de formação e que pode abarcar o processo profissional e humano desejamos contribuir para uma reflexão sobre a importância da cultura e da arte no centro universitário, em especial Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo. Desejamos também investigar como os acadêmicos relacionam as experiências não obrigatórias, em especial as manifestações artísticas, com a formação profissional. Não nascemos predestinados a apreciar a arte. Isso é uma progressão ao longo da vida do homem a partir do contato e conhecimento a respeito. Vemos a universidade como um espaço propício e relevante para aprimoramento ou contato inicial com as manifestações artísticas refletindo na educação estética e formação humana.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A UNIVERSIDADE NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE

Nesta revisão bibliográfica buscaremos inicialmente apresentar a história das Universidades dando maior ênfase na Idade Média e a expansão adquirida na modernidade. No entanto acreditamos ser importante trazer um esboço da origem mais antiga desse meio de conhecimento que surge na Grécia com Platão e que traz o nome de Academia.

O termo academia remonta da Idade Antiga, nos anos de 387 a.C., quando na Grécia Platão formou uma escola de filosofia no Jardim de “Akademos/Hekademos”, nome de um herói mítico grego (MALATO, 2009, p. 6). Havia mestres e discípulos de diferentes idades que buscavam descobrir a verdade, discutir conhecimentos. A escola de Platão ficava nos arredores da cidade de Atenas. Foi criada de maneira espontânea por civis sem influência política. Segundo a autora sua localização não é entendida como um refúgio da cidade, mas como um local para observar os acontecimentos da cidade não estando indiferente a política, mas também evitando confrontos dessa natureza. Como afirma Malato (2009, p. 7) “[...] um estado de ambiguidade e indeterminação que é favorável às suas intenções sociais e filosóficas”. A escola acabou por ordem política em 529 d.C. que a via como local de oposição a uniformização cristã que mais tarde daria vez ao período medieval.

Em relação a utilização dos termos Academia e Universidade no decorrer do tempo Malato (2009) faz algumas considerações. Para os franceses, através do Dicionário de Trévoux, a Academia é lugar de comunhão de conhecimentos entre pessoas de capacidades distintas não fazendo diferenciação entre mestres e discípulos como nas Universidades. Porém para ingleses, alemães, espanhóis e portugueses e em textos da Idade Moderna os termos são sinônimos. Destacamos uma passagem de Malato (2009, p.8) a respeito do sentido da Academia antiga:

Lembre-mo-nos de um outro *Banquete*, o de Platão, aquele em que Sócrates, depois da refeição, se entretém, discutindo abertamente com os outros convivas, tentando cada um superar o outro, na propriedade das definições. Há um espírito de emulação que a academia prolonga e que se detecta talvez, em perfeita continuidade, na dialéctica de Aristóteles, nos debates retóricos das Universidades ou dos Colégios, nos concursos de perguntas que as academias gostam de lançar para discussão e depois premiar.

Compreende-se que a referência para as Universidades está na Academia, surgida com Platão, e em seu contexto filosófico e isso se dá ao longo da Antiguidade até a Idade Moderna. Observa-se uma diferença no trato com o conhecimento. O sentido dado ao nome Academia

sofre recriações ao longo do tempo não sendo possível precisar quando de fato isso acontece. Mas não perde o sentido de local que abriga os saberes.

A origem das Universidades na história da humanidade mais apresentada na bibliografia encontra-se na Itália e França no período conhecido como Idade Média. A Universidade de Bolonha na Itália, a primeira, surge no século XI a partir da Escola de Artes Liberais e outras escolas que ensinavam Direito e que atraíam muitos alunos. Já a Universidade de Paris na França data do século XII momento em que as Escolas de Artes Liberais, de Teologia, de Direito e de Medicina se agruparam formando-a (SIMÕES, 2013).

O valor social atribuído a Universidade nessa época é comparado ao valor atribuído a igreja, pois na Idade Média o pensamento cristão era predominante e regia os códigos e condutas da sociedade. Esta instituição era vista como protetora do homem, considerado ser divino, e ele em prol dela contribuía com o que possuía de melhor. Assim aconteceu também com as Universidades, a exemplo da Universidade de Oxford que recebeu terrenos, para construção das faculdades que a compõem, como propriedade inalienável, Oliveira (2007). A sabedoria contida nos livros tinha teor de mistério para a população, em sua maioria iletrada.

A Universidade de Bolonha possuía uma estrutura organizacional estudantil. A organização pedagógica, também determinada por eles, buscava atender as necessidades da burguesia urbana por juristas e administradores. A Universidade de Paris estando dentro de estabelecimentos religiosos funcionava submetida aos seus regulamentos. Nos Estudos Gerais a Teologia era o conhecimento mais importante. Havia na corporação privilégios legais e pecuniários. Apesar disso, no local certa democracia estava presente, pois assuntos políticos, eclesiásticos e teleológicos eram debatidos livremente, (BOHRER et al, 2008).

A dinâmica de ensino nas Universidades baseava-se na leitura e debate sobre assunto escolhido pelo mestre. Segundo a autora acima os livros eram poucos e muito caros então cabia ao aluno assistir as aulas para obter conhecimento e em muitas ocasiões o texto era ditado. Os graus de ensino eram: bacharelado, licenciatura e mestrado. Atingindo os três graus, o que duraria de 3 a 7 anos aprendendo a dominar textos e lógicas com um mestre, finalizando com a defesa de uma tese, o estudante poderia, com aprovação pontifícia, ensinar em qualquer lugar do mundo. Caso não, o ensino se limitaria as escolas primárias ou elementares (BOHRER et al, 2008).

Destacamos as análises feitas por Oliveira (2007) sobre a Universidade como instituição que construiu e preservou uma nova forma de conhecimento no ocidente, um patrimônio histórico.

Foi a partir delas que a sociedade ocidental fez surgir o Renascimento e o Humanismo nos séculos XV e XVI e as nações modernas. Para a autora, os teóricos medievais tiveram influência no empirismo, pois perceberam que as ciências naturais necessitavam de conhecimentos além do sagrado e cita Alberto Magno:

Tome-se pois por princípio que, em questões de fé e de bons costumes, Agostinho deve ser preferido aos filósofos, caso haja idéias diferentes entre eles. Mas, em se tratando de medicina, tenho mais confiança em Galeno ou Hipócrates que em Agostinho; e se ele falar sobre ciências naturais, tomo em maior consideração a Aristóteles ou a outro especialista no assunto (MAGNO apud OLIVEIRA, 2007, p.116)

No período medieval as ideias eram materializadas em forma de instituições e suas construções, como as catedrais e as universidades, estão presentes até hoje. Pensar isso é também procurar compreender a formação social a partir de então e as transformações do pensamento cuja Universidade influenciou e ainda influencia principalmente na Europa. Oliveira (2007) menciona que a permanência da instituição Universidade na contemporaneidade está relacionada ao fato de continuar atendendo as necessidades humanas em especial relacionadas ao pensamento. De maneira diferente do medievo e com as transformações implantadas pelo homem em seus momentos históricos a Universidade é local de preservação e criação do pensamento, da ciência e da cultura.

Existem alguns pontos de análise para se pensar o surgimento e permanência das Universidades na Idade Média e ao longo dos séculos. Neste estudo destacaremos dois. O primeiro diz respeito a disputa entre o poder religioso e monárquico sobre a sociedade que viam nessas instituições importantes locais para obter apoio político e cultural. “Em função disso, editaram leis e bulas com objetivo de instituí-las, protege-las e nelas intervir, tanto no ensino como nas relações entre estudantes e mestres e entre estes e a comunidade” (OLIVEIRA, 2007, p.120). A autora continua:

As principais universidades do século XIII, Paris e Bolonha, foram criadas por essas autoridades. Dois grandes exemplos da influência desses poderes na organização da universidade medieval são a *Authentica Habita*, de Frederico Barba Roxa, de 1158, e a bula de Gregório IX intitulada *Parens scientiarum universitas*, de 1231. Ambas foram promulgadas para proteger a vida e os interesses dos estudantes e mestres e para organizar a vida acadêmica.

O segundo ponto foi a inserção dos estudos de Aristóteles nas Universidades no século XIII. Eles se difundiram no meio e tornaram-se referências de investigações da natureza e da sociedade. Essa difusão causou grandes debates nos séculos XIII e XIV o que gerou correntes entre os pensadores que, de acordo com Oliveira (2007, p.121) “traçou o caminho teórico da modernidade”. Havia três linhas de pensamento, duas radicais (empiristas e religiosos) e uma que defendia um equilíbrio entre as duas teorias. A radicalidade dos pensamentos gerou lutas

religiosas como a Reforma Protestante, mas o que regeu a sociedade culminando nos pensamentos científicos da modernidade foi empirismo aristotélico. Este pensamento entende como humana a criação da sociedade, algo criado pelos sujeitos. Já as correntes empiristas e religiosas influenciaram no decurso histórico social, político e econômico nas novas nações.

Para exemplificar a afirmação acima citamos as universidades medievais de Paris e Oxford, na França e Inglaterra respectivamente. Na primeira a filosofia de Aristóteles e a Teologia de Agostinho viveram intensos debates enquanto na segunda prevaleceram as ideias teleológicas. Para tanto, na França ocorreram uma das maiores revoluções intelectuais da história do ocidente que culminou no Iluminismo e na Inglaterra a permanência do pensamento pragmático e objetivo dando espaço ao estudo da natureza, (OLIVEIRA, 2007). O que nos faz refletir sobre a influência do contexto universitário na e para a transformação histórica da humanidade e para construção da sua identidade a partir do debate dos conhecimentos existentes e produção de novos saberes que em nosso entendimento caracteriza a instituição.

Ao longo da Idade Moderna ainda havia presença da filosofia nas Universidades da Europa. Podemos apontar a Universidade de Pádua na Itália considerada, de acordo com Rebollo (2010), o melhor centro de ensino da Europa nos séculos XVI e XVII e embora católica não atribuía restrições religiosas. Tal sucesso dava-se à liberdade civil, política e religiosa e ao apoio republicano da cidade. Além disso, sofreu grande incremento de pensamento filosófico e também das ciências exatas estimuladas por Galileu Galilei que lá estudou e lecionou.

O período moderno caracteriza-se pela contestação ao pensamento divino medieval a partir da razão humana como meio de explicação e construção do conhecimento. Os avanços científicos configuravam-se possibilidades de avanço para os países. Do século XIX Pereira (2009) aponta a Universidade de Berlim e o pensamento de Humboldt como referência para o conceito de universidade moderna. Neste, o desenvolvimento científico e a formação intelectual e moral estavam contemplados, mas sua difusão não foi tão grande quanto o modelo utilitarista francês de universidade.

Os princípios essenciais postulados por Humboldt – de forma geral, até hoje defendidos como formulações que dão à universidade seu caráter próprio – são essencialmente: a formação através da pesquisa; a unidade entre o ensino e pesquisa; a interdisciplinaridade; a autonomia e a liberdade da administração da instituição e da ciência que ela produz; a relação integrada, porém autônoma, entre Estado e Universidade; a complementaridade do ensino fundamental e médio com o universitário (PEREIRA, 2009, p. 31).

A influência do Iluminismo, especialmente na França, atingiu as universidades com o uso do conhecimento através da racionalidade e cada vez mais as áreas do conhecimento são

fragmentadas em prol de uma maior especificidade que culmina na formação superior. Segundo Pereira (2009) no ocidente as universidades se classificaram pelo modelo idealista e funcionalista. No primeiro pauta-se o desenvolvimento intelectual aliado ao ensino e pesquisa e interação entre corpo docente-discente. No segundo há instrumentalização do saber em favor da formação profissional e política, há relativa autonomia e tem fins de utilidade direcionada.

Essa visão funcionalista, mais difundida torna a comunidade acadêmica formada com uma visão compartimentada de conhecimento que vai culminar no mercado de trabalho. Entendemos isso como uma perda da visão humana de ser, mesmo se tratando da formação profissional, pois antes do técnico há o sujeito. Liberdade e autonomia são os princípios elencados por Pereira (2009) para que a universidade contribua por meio da ciência com o desenvolvimento do cidadão.

2.1.1 A Universidade no Brasil

A primeira Universidade instituída legalmente no Brasil foi a Universidade do Rio de Janeiro no ano de 1920 a partir da junção de três escolas tradicionais (Escolas Politécnica e de Medicina e Faculdades Livres de Direito) sendo assegurada em lei autonomia didática e administrativa. Porém as tentativas de implantação datam do período colonial por parte dos jesuítas que encontraram resistência da coroa portuguesa devido a política colonial e também por parte dos habitantes que não viam justificativa para tal (FAVERO, 2006). Houve grande controle por parte de Portugal em não permitir uma independência cultural e política na colônia. As elites minoritárias que desejassem buscar o ensino superior deveriam fazê-lo na Europa, principalmente na França. Situação diferente das colônias espanholas latino-americanas que ainda no século XVI implantaram Universidades seguindo o modelo medieval europeu, como aponta Leite e Morosini (1992).

A partir da chegada da corte ao Brasil em 1808 é que surgem escolas superiores profissionalizantes como o Curso Médico de Cirurgia na Bahia e Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica no Rio de Janeiro. A intenção era a formação de profissionais que pudessem servir as necessidades do Estado na época. Poucos anos depois são criados cursos jurídicos em São Paulo e Pernambuco que iriam influenciar nas ideias filosóficas, movimentos literários e debates culturais da elite brasileira bem como em sua participação na vida política.

Do período que compreende a Proclamação da República (1889) até a Revolução de 1930 vários dispositivos legais afetaram o ensino superior. A constituição de 1891 mantém o ensino superior sob responsabilidade do Poder Central (FAVERO, 2006). Alguns anos depois institui-se o ensino livre, ou seja, permissão para escolas privadas. Conforme a autora citada há forte influência do positivismo de Benjamin Constant no país que vai atingir o ensino. Apesar das atribuições legais o surgimento de uma Universidade Federal gratuita fora retardado. Com a permissão das escolas livres surgiram então instituições estaduais como Universidade de Manaus (1909) e Paraná (1912). Apenas em 1920 é instituída legalmente a primeira universidade brasileira com dispensa de taxas e de funcionamento gratuito, a Universidade do Rio de Janeiro (Decreto nº 14.383).

Abrimos um parêntese para explicar o positivismo mencionado acima. O positivismo consiste numa formalização de ideias propostas por August Comte. Tais ideias remontam de interpretações do pensamento kantiano e que influenciaram Comte a partir de teóricos como Turgot, Condorcet e Saint-Simon como apontam Iskandar e Leal (2002). De maneira sucinta o pensamento parte da concepção de que os fenômenos sociais necessitam de explicações precisas, objetivas diferentes do pensamento feudal e clérigo que dominavam. August Comte então apresenta um modo racional de pensar a sociedade e realizar as transformações sociais distanciadas da metafísica e teologia. Em relação a chegada do positivismo no Brasil Iskandar e Leal (2002, p. 3) discorrem:

No Brasil esta influência aparece no início da República e na década de 70, com a escola tecnicista. Foi muito divulgado por intermédio do Apostolado Positivista que se incorporou ao movimento pela proclamação da república e da elaboração da constituição de 1891. O movimento republicano apoiou-se em idéias positivistas para formular sua ideologia da ordem e do progresso, graças particularmente à atuação de Benjamin Constant (1836-1891).

O pensamento positivista influenciou a educação no país em relação a fragmentação do conhecimento e especialização do ensino que culminou a deficiência de interdisciplinaridade. Teve forte aceitação pelos militares devido ao caráter disciplinar e distanciado do humanismo. Na década de 1970 com a crescente presença das escolas tecnicistas o estudo por meio da observação, experimentação e a organização objetiva do conhecimento serviu de base de ensino nessas escolas. A influência extrema do pensamento positivista na educação restringe ao aspecto de um fazer que podemos dizer automático, sem incentivo ao conhecimento crítico e com prejuízo a criação. Iskandar e Leal (2002, p. 5) mencionam uma passagem de Pavianni sobre os ideais de Comte nas Universidades:

A concepção profissionalista dos cursos universitários é o principal entrave à existência de uma verdadeira formação universitária que tem a função de

desenvolver a versatilidade intelectual da pessoa, de criar homens de mentalidade e sensíveis às necessidades dos outros homens de seu tempo.

Retomando ao contexto das Universidades no Brasil, apesar dos problemas enfrentados e em meio a críticas da criação da Universidade do Rio de Janeiro fez ascender um debate a esse respeito, bem como, da função dessa instituição, sua autonomia e modelo. Segundo Favero (2006) há duas opiniões a respeito: os que defendem o desenvolvimento da pesquisa juntamente com a formação profissional e os que veem a formação profissional como prioridade. E ainda um desdobramento da primeira que considera a universidade um foco de cultura, disseminação de ciência adquirida e de criação de nova ciência. Em 1927 a Universidade de Minas Gerais surge seguindo o mesmo modelo do Rio de Janeiro.

Em 1930 é criado o Ministério da Educação e Saúde Pública cujo titular era Francisco Campos que propõe e implementa reformas de caráter centralizador adaptando a educação a diretrizes políticas e educacionais nos ensinos secundário, superior e comercial (FAVERO, 2006). A reforma preocupava-se em capacitar para o trabalho e formar a elite acompanhando a modernização nacional. Em relação ao ensino superior são decretados ainda o Estatuto das Universidades Brasileiras, a organização da Universidade do Rio de Janeiro e o Conselho Nacional de Educação. Pelo Estatuto as faculdades deveriam estar integradas à estrutura universitária e dependentes de sua administração. Apesar do caráter centralizador do governo surgiram instituições superiores contrárias a isso. A Universidade de São Paulo (1934) e a Universidade do Distrito Federal (1935) são exemplos, pois como finalidades propunham investigação e produção de conhecimento útil a vida, atividade científica livre e cultura desinteressada, progresso científico, dentre outros. Francisco Campos discorre ainda sobre as Universidades que na “sua finalidade transcende o exclusivo propósito do ensino, envolvendo preocupações de pura ciência e de cultura desinteressada” (CAMPOS apud FAVERO, 2006, p.24).

Em 1935 é elaborado o Plano de Reorganização do Ministério da Educação e Saúde Pública que enumera os serviços de educação de responsabilidade federal. Dois anos depois, em 1937, instituiu-se a Universidade do Brasil que deveria ser padrão e ter funções de caráter nacional. Nesse momento não recebe autonomia frente ao governo sendo reitores e diretores escolhidos pelo presidente da república.

A queda do Estado Novo e deposição do presidente Getúlio Vargas no ano de 1945 trouxe ao Brasil um processo de redemocratização. Por meio de decreto a Universidade do Brasil ganha autonomia administrativa, financeira, didática e disciplinar, mas não houve uma

implementação prática dos itens dispostos (FAVERO, 2006). Nos anos de 1950 o país viveu um processo de industrialização e crescimento econômico e a situação precária das Universidades entrou em debate devido Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e da questão ensino público e privado. Tal debate ganhou maior força em 1961 com a criação da Universidade de Brasília (UnB) pela sua organização e da atuação do movimento estudantil por condições estruturais e democráticas nas universidades.

Já em 1968 as manifestações estudantis nas universidades em favor de reformas fazem com que o governo, então ditadura militar, crie o Grupo de Trabalho (GT) “[...] para acelerar a reforma da Universidade brasileira, visando à sua eficiência, modernização, flexibilidade administrativa e formação de recursos humanos de alto nível para o desenvolvimento do País” (BRASIL, 1968, art. 1º). O relatório feito pelo GT aponta que as universidades ainda estariam baseadas nas faculdades que não conseguiram atender o desenvolvimento econômico da época. Além disso, o crescimento no número de instituições não alcançou mudanças organizacionais no que diz respeito a inovação e desenvolvimento permanecendo rígida e não atendendo o mercado de trabalho diversificado.

A Lei 5.540 de 28 de novembro de 1968 fixa as normas de funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média. São propostos modelos baseados em Universidades e com função para o ensino, pesquisa e extensão, estruturada em departamentos. “O ensino superior deveria produzir o conhecimento nas mais diferentes áreas” (LEITE e MOROSINI, 1992, p. 246). Poucos anos depois há aumento no número de pós-graduações. As autoras analisam que apesar do aumento no número de instituições de ensino superior uma minoria são Universidades.

Para Leite e Morosini (1992, p. 249) “o sistema de ensino superior dicotomiza funções: as Universidades realizam preferencialmente produção de conhecimento e as não-Universidades realizam a transmissão do conhecimento”. No entanto entendemos que as faculdades têm democratizado o acesso ao ensino superior enquanto que as Universidades mesmo que públicas são frequentadas majoritariamente pelas classes sociais mais abastadas. Mas não deixamos de salientar que o capital cultural e a produção de conhecimento têm se tornado produto mercadológico por instituições de ensino superior.

2.2 UNIVERSIDADE PÚBLICA E PRIVADA: OS JOVENS NO ENSINO SUPERIOR

Os níveis escolares instituídos no Brasil pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB nº9394 de 1996 são a educação básica (composta pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio) e a educação superior. Para este estudo trataremos dos sujeitos que integram o nível superior de ensino e que advém do ensino médio. Neste a lei coloca como finalidade a consolidação e aprofundamento dos estudos para prosseguir no nível superior e a preparação para o trabalho e cidadania sentindo-se capacitado, além do aprimoramento do educando como pessoa humana, desenvolvimento da autonomia intelectual e pensamento crítico. Para a Educação Superior a lei preconiza “estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo”, (BRASIL, 1996).

O desenvolvimento do Ensino Superior é fator que contribui para o desenvolvimento econômico, político e social. No século XVIII as Universidades voltadas para as humanidades e teologia deixaram de ter força em relação ao conhecimento por se distanciarem da ciência em ascensão nesse período. No início do século XIX, na Alemanha, a produção científica atrelou-se ao ensino e modificou o papel meramente transmissivo da Universidade. Isso lhe conferiu prestígio pelo desenvolvimento tecnológico, relevância econômica, militar e industrial.

No Brasil o início do ensino privado deu-se na Primeira República (1889) com a criação das Escolas “Livres”, voltadas basicamente para o ensino sem produção científica. Enquanto expandiam-se tais escolas, movimentos intelectuais lutavam para criação das primeiras universidades brasileiras, que como visto no capítulo anterior foi instituída oficialmente apenas em 1920. Durham (2010) aponta que a tradição das escolas profissionais influenciou muito no ensino superior. Em algumas universidades, que reuniam diferentes faculdades pré-existentes, os cursos eram organizados em função das carreiras a que se dedicavam. Mesmo com as reformas, a autora aponta que, a inserção nesse nível de ensino se dá pela busca por melhores carreiras.

A força desta tradição se deve à preservação de um sistema corporativo que existe até hoje, o qual associa o diploma a uma carreira regulamentada e ao monopólio do exercício de uma profissão. Não se criou, no Brasil, a tradição de que as universidades deveriam oferecer uma formação geral que antecederesse a profissionalização. Todas as propostas de um curso básico, uma das quais foi incluída na reforma de 1968, ou fracassaram ou não foram sequer tentadas (DURHAM, 2010).

O processo de formação do trabalhador inicia-se desde o período colonial, quando, aos índios eram ensinadas práticas de ofícios pertinentes a época. Da mesma maneira no período escravocrata o trabalho braçal desses indivíduos deveria servir ao meio de riqueza dos seus senhores, as fazendas. “[...] habituou-se o povo de nossa terra a ver aquela forma de ensino

como destinada somente a elementos das mais baixas categorias sociais” (FONSECA, 1961, p. 68). Ao longo da história foram adotados alguns modelos de aprendizagem de ofícios para essas classes sociais, sendo o Colégio das Fábricas, criado por D. João VI no século XIX, considerado o primeiro estabelecimento público de ensino com essa finalidade e que auxiliou no crescimento desse tipo de setor da economia ainda com produção agrária. De acordo com Brasil ([2008 ou 2009]) o ensino técnico iniciou de fato no Estado do Rio de Janeiro em 1906 com a criação de quatro escolas profissionais promovendo no país o ensino prático e estimulando os recursos federais para instituição de escolas. O documento aponta como a consolidação do ensino técnico-industrial no país numa visão de progresso.

O século XX foi marcado por crescimento e mudanças no ensino técnico. Foram instituídas dezenove “Escolas de Aprendizes Artífices” de ensino gratuito, primário e profissional. Tais escolas são uma prévia do que conhecemos hoje como Escolas Técnicas e, mais atuais, Institutos Federais de Educação Tecnológica. Esse tipo de ensino passa a ser obrigatório no Brasil no período e ainda destinado especialmente as classes menos favorecidas como registrado na Constituição de 1937 em seu artigo 129. As indústrias deveriam também criar escolas de aprendizes para os filhos dos operários ou associados. Então para inserção no mundo do trabalho as classes pobres tinham a profissionalização ainda que primária como caminho mesmo que imposto por lei.

Conforme Brasil ([2008 ou 2009]), na Reforma Capanema em 1941 o ensino profissional passa a ser considerado de nível médio sendo preciso, para ingressar, exames de admissão e as escolas passando a se chamar Escolas Industriais e Técnicas a fim de atender essa nova mudança. Os alunos poderiam ingressar no ensino superior com o diploma técnico desde que a área fosse equivalente a sua formação. O ensino industrial nesse momento vincula-se a estrutura educacional brasileira.

O nome Escolas Técnicas surge em 1959 quando as escolas são transformadas em autarquias e ganham autonomia de gestão e didática, ou seja, mais dinamismo para atender o acelerado processo de industrialização na época. E essa urgência de profissionais técnicos fez com que o governo transformasse todo currículo de segundo grau técnico-profissional através da LDB/1971. A nomenclatura Centros Federais de Educação Tecnológica – CEFET’s aparece quando são atribuídos novos cursos de formações as Escolas Técnicas. Iniciou com três Centros e gradativamente nos anos de 1990 as demais foram mudando de nome.

No mesmo período é sancionada a LDB/1996 que confere um capítulo específico para o ensino profissional separado da educação básica, sendo desenvolvida em articulação com o

ensino médio ou de maneira continuada. O documento do Brasil ([2008 ou 2009]) apresenta esse novo discurso como uma forma de superação do preconceito social e do assistencialismo passado uma vez que, nas leis do início do século XX esse tipo de ensino é direcionado as classes sociais pobres.

“As políticas profissionalizantes são compostas por influências econômicas, sociais e culturais e foram constituídas ao longo do desenvolvimento da sociedade brasileira [...]” como “[...] atendimento à demanda da economia por mão de obra qualificada a partir de 1940” (VIAMONTE, 2011, p. 30). A associação entre educação profissional como forma de acesso ao mercado de trabalho, em especial as classes sociais menos favorecidas financeiramente, e construída fortemente no século XX, além de ser um ideário de vida e ascensão social consequentemente torna a busca pelo ensino superior, que aumentou sua oferta, um ideário de conquistar melhores carreiras e influencia as instituições a tal modelo de ensino.

De acordo com Viamont (2011) o sistema de educação profissional, a partir da LDB/1996 torna-se paralelo ao sistema básico, pois possui organização curricular própria. Ela afirma ainda que com o Decreto 2.208/1997 o que parece uma tentativa de ampliar a cultura geral do estudante mostra o interesse do governo em reforçar o sentido propedêutico do ensino médio.

Iniciamos o capítulo falando que a finalidade do ensino médio consiste no aprofundamento dos estudos para prosseguir no nível superior, cabe então refletirmos se essa forma integrada de articulação entre médio e profissional não seria na verdade uma maneira de incentivar a busca pelas instituições superiores e que curiosamente retomaram, nesse período, seu processo histórico de ascensão.

O ensino médio, que tinha como objetivo o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico do educando, perde sua identidade. Pois, de um lado, grande parte das escolas privadas concentra seus esforços em preparar os estudantes para os exames vestibulares e, de outro, as escolas públicas não foram capazes de organizar uma formação voltada para a superação da dualidade estrutural entre cultura geral/cultura técnica e formação instrumental (VIAMONTE, 2011, p. 41).

Podemos pensar que a articulação entre ambos os cursos atribuí ao indivíduo maior qualidade educacional, uma vez que o profissional de nível técnico hoje precisa dos conhecimentos básicos da educação para ingresso numa escola técnica. Além disso, desobriga o estudante de possuir um curso técnico e escolher, num maior leque de oportunidades sua carreira para o mundo do trabalho. Em contrapartida a desigualdade socioeconômica leva alunos filhos de trabalhadores a buscar inserção mais rápida no mundo do trabalho talvez sendo mais

vantajoso permanecer apenas três anos no ensino médio obrigatório (no ensino técnico a carga horária mínima é de 3200 horas enquanto no ensino médio 2400h).

Então, nas escolas técnicas, especialmente as melhores, ficariam aqueles com possibilidades de dedicação exclusiva ao estudo, sem necessidade primordial de uma remuneração. Outra questão é a forma de entrada por exames de admissão ou provas. As elites detentoras dos melhores ensinamentos, os particulares, estão mais propensas à inserção, uma vez que, há cursos preparatórios particulares que se especializam em aprovar os alunos nas melhores escolas sejam técnicas ou superiores. Enquanto que para os alunos do sistema público de educação essa realidade é mais distante, o ensino requer qualidade e não se restringe a preparação para vestibulares.

Em relação ao ensino superior, como já apresentamos, o ensino privado teve início no final do século XIX com a criação das Escolas “Livres”. No início do século XX o número de Universidades (públicas) crescia lentamente e com poucos interesses em pesquisa. Contrariamente no ano de 1933 o setor privado já possuía 43% dos alunos do ensino superior em seus cursos de graduação, estes vindos do nível secundário. Anos depois o fim da Segunda Guerra demandou grandes transformações econômicas mundiais e mudanças nos setores do mercado de trabalho. Assim as instituições superiores eram o espaço para qualificação da mão de obra o que exigiu fundos públicos e reformas organizacionais.

Os movimentos de reforma no Brasil também exigiam ampliação no acesso ao ensino superior e, em menor escala, desenvolvimento da produção científica nas Universidades como meio de superioridade sobre as outras. A iniciativa privada, atenta ao aumento das demandas, através de seus recursos e amparada pela legislação (LDB 1961 e Reforma Universitária de 1968) expandiu-se de maneira acelerada, criando instituições isoladas, mais cursos e oferta de vagas, segundo Sampaio (2011, p.29), “[...] muitas vezes em detrimento da própria qualidade do serviço oferecido”. O setor público, dependente dos recursos federais investia em pesquisas e regulação e apoio de pós-graduações.

Leite e Morosini (1992) explanam o fato de as faculdades isoladas surgirem com objetivo de transmissão do saber enquanto que as Universidades públicas visam produção do conhecimento por meio da pesquisa. Isso ocorre como reflexo do crescimento econômico na década de 1950 e a procura de cursos na área de serviços.

Silva (2001) aponta que a partir do estrangulamento no acesso ao ensino superior, devido eminente procura por ascensão social, a preocupação do governo foi a ampliação de vagas,

porém sem investimentos significativos. Os dispositivos legais mencionados foram propícios para permitir a iniciativa privada expandir-se nesse nível de ensino para atender a demanda e aumentar o contingente populacional com ensino superior. O argumento usado foi o da superioridade organizacional da empresa particular sobre a pública. Isso atendeu aos anseios e permitiu a classe média prestar graduação. Concomitante, o ensino, diferenciado por questões de eficiência e lucro, atingiu o ideário pedagógico que atendessem processos comerciais de organização e venda do ensino. "[...] o regime autoritário, que entendia a universidade como formadora de recursos humanos de acordo com a ideologia do desenvolvimento e da segurança nacionais" (SILVA, 2001, p. 295-296).

No Brasil o aumento do número de alunos no ensino superior se deve ao setor privado que abarca há alguns anos a maior parte dos ingressantes, isso devido a multiplicação de instituições com variadas ofertas de vagas e até cursos rápidos. Até os anos de 1950 prevalecia o setor público, porém a incessável busca por constituir um sistema nacional que associasse o ensino e pesquisa e por referenciar-se no modelo USP (Universidade Estadual de São Paulo) exigiam do Estado “[...] um grande investimento na infraestrutura das instituições, na ampliação do corpo docente e na sua qualificação”, Durham (2010). Em se tratando do setor público os processos são morosos e necessitam de vontade da gestão. Esse aspecto perdura. O setor privado com oferta massiva de cursos de graduação que procuravam atender as solicitações mercadológicas e o setor público voltado para o ensino, pesquisa e pós-graduação sem maiores ofertas de vagas.

A expansão do ensino privado consistiu uma maneira de exonerar o Estado de investimentos públicos em educação e como aparato ideológico do regime político ditatorial, no período. A instituição pública precisa atender expectativas mais amplas de atuação humana e atividades do conhecimento científico que não se restringe ao atendimento de mão de obra aos setores econômicos latentes. Apontar a iniciativa privada como melhor gestora na educação é uma forma de desviar a atenção para a obrigatoriedade do governo de aumentar a oferta de ensino público. Sendo as faculdades uma complementação, como justifica a legislação dos anos 1960, não deveriam rebaixar a qualidade didático-pedagógica em favor da lucratividade. Porém entramos na questão de que a iniciativa privada oportuniza para a maior parte dos jovens estar numa graduação e utiliza capital próprio atendendo a necessidade política e acabam por exigir uma não interferência governamental em sua organização, como reflete Silva (2001).

Nos anos de 1980, pela transição do regime ditatorial para democrático, o país vivenciou enormes problemas políticos, econômicos e sociais que afetaram o sistema educacional. Houve repetências e evasões escolares, afunilamento no Ensino Secundário que afetaram diretamente o Ensino Superior. Os índices de matrículas oscilaram o que afetou especialmente o setor privado de ensino. Porém um novo instrumento legal permitiu autonomia às instituições de ensino privado, a Constituição de 1988. Através dela puderam liberar-se de controles burocráticos governamentais transformando-se em Universidades e tendo poder de decisão. Foi então que entre 1985 e 1996 o número de Universidades privadas passou de 20 para 60 como aponta Sampaio (2011) especialmente com intuito de criar e extinguir cursos e remanejar o número de vagas conforme interesse e disputa mercadológica. Quase dez anos depois, o Decreto 2306 de 1997 facultava às instituições a escolha do estatuto como de natureza civil ou comercial, com ou sem finalidade lucrativa. Conforme a escolha, a relação com o governo é mais específica.

Entre os anos 2000 e 2008 houve exorbitante aumento na oferta de cursos de graduação particulares e afirma Sampaio (2011, p.37) que “[...] as novas carreiras oferecidas pelo setor privado neste início de século advém da valorização de um saber fazer. Ligam-se a profissões de ofício para as quais tradicionalmente dispensou-se formação superior”. Percebe-se um ajustamento mercadológico do ensino para atender a demanda geradora de lucro, maior número de alunos e atendimento das necessidades do sistema econômico. Houve também investimentos no ensino público, porém não superaram os investimentos privados. Apesar desse aumento das matrículas a autora aponta dados do Pnad de 2009 que apenas 19% dos jovens com idade entre 18 e 24 anos, no Brasil, frequentaram o ensino superior.

Dados do Censo da Educação Superior de 2013 apontam que 87,4% das Instituições de Ensino Superior - IES são privadas contra 12,6% de públicas entre federais, estaduais e municipais. A relação é de 01 instituição pública para 07 privadas. Do total de IES (2.391) 8,2% são universidades, entre públicas e privadas, que detém 53,4% das matrículas, isso devido ao tamanho e a maior quantidade de alunos que consegue atender em uma só estrutura. Em contrapartida as privadas conseguem oferecer 21.199 matrículas enquanto as públicas 10.850, quase o dobro (INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA, 2015).

Essa oferta massiva de ensino gera preocupações quanto a universalização gerencial em relação à didática e metodologia de ensino. O desenvolvimento do Ensino Superior como contribuinte para o desenvolvimento econômico, político e social acreditamos estar voltado

para produção e diversificação do conhecimento nesse espaço. No caso do setor privado de ensino as necessidades sociais que visa atender estão relacionadas a aspectos do mercado, sendo este critério universal. Sua organização empresarial pauta-se nesse aspecto até mesmo para sua manutenção.

Quando nos remetemos ao modelo de ensino público universitário esta visão está distanciada, pois ela não atende ao interesse de um dos setores da sociedade, mas busca cumprir um papel histórico de produção e disseminação do conhecimento bem como refletir sobre a cultura que não esta vinculada diretamente ao consumo. Silva (2001) afirma que as universidades com maiores prestígios são aquelas que se dedicaram a pesquisa básica, sendo a USP um modelo dos anos 20 e 30 e que permanece até hoje.

Quando percebemos na história da educação, em especial superior, um processo de desvalorização do público para valorização e incentivo ao privado parece-nos um meio de isenção de responsabilidade do poder público e que até então perdura. Tratando-se de instituições com modelo de ensino público "é a independência nos processos de investigação e de debate que garante o desenvolvimento da produção, da transmissão e da aplicação do saber" (SILVA, 2001, p. 3001) e atendimento ao estímulo a criação cultural, desenvolvimento do espírito científico e pensamento reflexivo dispostos na lei.

2.3 A FILOSOFIA SALESIANA NO ENSINO SUPERIOR

O marco inicial das Obras Salesianas, propostas por Dom Bosco (1815-1888), foi o Oratório Festivo que surgiu em 1841. O sacerdote, por um desejo pessoal e afinidade com a alegria da juventude, realiza a experiência de um ambiente onde pudesse atender crianças e jovens vítimas dos problemas sociais ocasionados pela Revolução Industrial. Nesse local faria um trabalho educativo de evangelizar, ensinar ofícios e realizar atividades corporais. Buscava a formação integral do indivíduo. Cria então o Oratório e alguns anos depois funda a Família Salesiana, nome em homenagem ao santo São Francisco Sales de quem era devoto, e uma pedagogia chamada por ele de Sistema Preventivo em que prevalecem a assistência, persuasão e afetividade. (BORGES, 2005).

A Família Salesiana tem como grupos principais os Salesianos de Dom Bosco (SDB), Filhas de Maria Auxiliadora (FMA) e Associação dos Salesianos Cooperadores (SSCC). Conforme (SALESIANOS DE DOM BOSCO, 2016), hoje mais de trinta grupos são reconhecidos como da Família Salesiana e estão presentes em 132 países agrupados por regiões, inspetorias ou

presenças locais. No Brasil estão divididas em 06 inspetorias sendo o Espírito Santo pertencente a Inspeção São João Bosco (ISJB). As obras sociais da ISJB na cidade de Vitória contam com o Oratório Festivo, Paróquia Santa Rita, Pré-vestibular Dandara, Colégio Nossa Senhora da Vitória e Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo. Apesar de datar do século XIX o nível de crescimento da Família Salesiana comparada ao de ordens tradicionais como os jesuítas é imensa.

A metodologia de Dom Bosco foi pensada a partir de um tripé: as atividades religiosas, o aprendizado de ofícios e a prática de atividades corporais de lazer sendo o pátio o seu símbolo (religião, razão e amorevolezza¹). Era dada igual importância às três dimensões e destacamos o valor atribuído ao pátio como ambiente de convivência social e local para atividades de expressão artística que se relacionavam com os objetivos do oratório desde sua origem. “[...] era no pátio que Dom Bosco conseguia sensibilizar os meninos para a importância das outras dimensões. Era lá que o menino experimentava de forma livre o valor da religião e do trabalho”, (BORGES, 2005, p. 35). Nesse espaço aconteciam jogos, músicas, teatros e passeios. Era local de alegria e meio para alcance da educação.

Atualmente, no mundo, há 61 Instituições Salesianas de Educação Superior (IUS), sendo 21 na América e dessas, nove no Brasil. De acordo com Rampazzo (2013) a primeira Instituição Salesiana de Ensino Superior foi o St. Anthony's College na Índia no ano de 1934 e hoje são mais de 50 unidades. No Brasil o ensino superior Salesiano teve início em 1939 na cidade de São Paulo com a Faculdade de Ciências Administrativas e Contábeis. O autor afirma que com essa quantidade de instituições pelo mundo foi criado em 2003 pelo Reitor-Mor da congregação Salesiana a Identidade das Instituições Salesianas de Educação Superior (IUS 2003) orientando a presença salesiana nesse nível de ensino. Segundo o documento outra questão para sua elaboração é prezar por um serviço qualificado a pessoa humana e profissional.

De acordo com Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo (2013) sua fundação data de maio do ano 2000 oferecendo cinco cursos (Nutrição, Fisioterapia, Serviço Social, Educação Física e Filosofia) que supriram a demanda do mercado. Conforme já mencionado a visão estratégica da instituição é tornar-se Centro Universitário até o ano de 2016 oferecendo qualidade no ensino e promovendo a pesquisa e extensão (FACULDADE CATÓLICA SALESIANA DO ESPÍRITO SANTO, [20..]). No ano de 2015 a visita do Ministério da Educação (MEC) para as devidas avaliações demonstrou esse objetivo. Além disso, a IUS

¹O termo está relacionado ao tratamento afetuoso e amável da Educação Salesiana.

busca oferecer aos jovens um serviço de formação integral nos aspectos científico e profissional, humano e cristão. Visando o público jovem tem como escolha orientar também a pesquisa, a docência, o estudo e os serviços culturais, bem como que os estudantes sejam protagonistas do empenho científico e cultural, educativo e social colocando a pessoa humana no centro do processo e oferecendo uma diversidade de serviços de atenção humana. Conforme o documento “a existência e as preocupações da IUS se justificam, sobretudo, pelo serviço qualificado da formação humana e profissional dos jovens” (INSTITUIÇÕES SALESIANAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR, 2003, p.14).

A FCSES foi o campo de pesquisa do presente trabalho. Destacamos a presença do pátio como espaço de relações sociais entre os acadêmicos e também de ações que envolvem manifestações culturais na instituição, como o intervalo cultural. Este projeto de extensão, autoria de Silva (2015), abre espaço para socialização entre alunos, professores e funcionários em geral e para que possam expor seus dons artísticos. É uma forma de fomentação das diferentes linguagens artísticas que podem surgir a partir dos integrantes do universo acadêmico e que também abre espaço a comunidade externa. A instituição pretende assim estimular as variadas formas de conhecimento o que inclui o cultural.

A participação em projetos de extensão universitária que envolvem a arte de maneira mais direta como Projeto Cultura e Arte na Faculdade e Projeto de Extensão em Dança (Andanças) foi possível perceber as diferentes formas de manifestações artísticas que envolvem a sociedade e que podem estar presentes nos espaços das Universidades. Tais formas não tem a divulgação maçante dos meios de comunicação mais apreciados por todos, em especial a televisão.

A participação e vivência nesses projetos possibilitou maior compreensão nas discussões teóricas do curso em andamento. Também possibilitou refletir sobre as percepções e comportamentos expressos pelos indivíduos quando em contato com atividades diversificadas. Além disso, perceber argumentações que utilizam frases comuns, sem uma análise crítica, uma reprodução do que escutam e desconhecimento sobre as variadas manifestações artísticas e culturais que perpassam a sociedade. Adotando como gosto, em geral, o que a indústria cultural tem vendido de mais atual.

Pensando na relação que projetos como estes proporcionaram à formação acadêmica e nas Universidades como espaços que abarcam além da transmissão do saber a produção da cultura humana é que decidimos nesse ambiente como campo de pesquisa. A FCSES como espaço de seguimento da filosofia Salesiana tem como orientação uma opção prioritária pelos jovens de

classe popular e a relação entre cultura, ciência, técnica, educação e evangelização, profissionalismo e integridade de vida (IUS 2003). Nesse sentido desejamos investigar como os universitários enxergam a relação entre as atividades não obrigatórias, propiciadas pela FCSES, e as relações com a formação pessoal e profissional.

2.4 A FORMAÇÃO PROFISSIONAL PARA ALÉM DA FORMAÇÃO TÉCNICA

A Universidade atual tem influências e reflete a cultura contemporânea, ou seja, está embebida de pragmatismo. No contexto de um mundo com ideologia capitalista significa preparar a aptidão para o mundo do trabalho realizando tarefas produtivas que culminam no consumo. Ingressar no ensino superior tem representado constituir-se de capacidades técnicas que permitam atuar no mercado de trabalho. Como diz Severino (2006, p. 91):

Esta perspectiva tecnizante tornou-se tão forte e proeminente que até mesmo o conhecimento científico em si, como leitura teórico-experimental do mundo, só tem sentido e valor reconhecido quando diretamente ligado a uma eficácia técnica.

Esse conceito abarca um sistema econômico e social. Econômico sustentado na dinâmica capitalista e social por culminar num modo de vida voltado para produzir e consumir que vai atender e sustentar essa dinâmica. Essa estrutura torna-se referência coletiva e pessoal. O que é mais consumido é transformado em gosto pelo fato de estar em evidência. As tendências neoliberais também influenciam nesses aspectos. Alcançando inclusive o processo de formação universitária.

O surgimento e ampliação de modelos empresariais de Universidades ganham força a partir dos ideais neoliberais. Na cultura contemporânea avançar é entendido como preparar o indivíduo para a cadeia produtiva, um profissional técnico e operacional. Isso em detrimento dos modelos históricos de Universidades públicas. O atual modelo tem conceito universalizante e que pode ser repassado “uma simples relação de transmissão formal, como ocorre com qualquer outra esfera de bens e serviços” (SEVERINO, 2006, p. 93).

Não defendemos a exclusão do ensino de habilidades técnicas nas Universidades. O que queremos chamar a atenção é para compreensão de que o ser não está configurado por habilidades puramente de produção material. O preparo técnico é uma necessidade para participação na sociedade em que estamos inseridos, porém as instituições devem abarcar uma formação também humana, uma vez que, o profissional carrega consigo a subjetividade e identidade que o compõe enquanto humano. Propomos a fomentação da autonomia dos sujeitos para contribuir para um profissional com formação integral. Sujeitos que possam

empregar sua subjetividade, criatividade, ideias, identidade e não apenas absorver e fazer como numa forma de produção. Atribuir valores pessoais ao que faz. Entendemos por autonomia do sujeito a própria autonomia da vontade, ou seja, estar liberto de ideais morais. Os anseios e desejos são independentes das determinações de outros e sim da própria razão conforme Abbagnano (2007). Em Palma e Assis (2008) governar-se segundo as próprias leis, ter independência diante dos processos econômico, sociais ou físicos.

Quando tratamos sobre o humano Chauí (2008, p.56) nos traz o conceito a partir da cultura e do que foi pensado no século XIX. “A cultura é a ruptura da adesão imediata à natureza, adesão própria aos animais, e inaugura o mundo humano propriamente dito”. Diferente das relações primitivas com a natureza em que o homem buscava adaptar-se às condições do meio habitado para atender suas necessidades básicas fisiológicas e de sobrevivência, a ideia de ser humano está no simbólico, ou seja, nas relações por meio da linguagem e do trabalho que o faz diferente dos demais animais. Assim extrapola a ação vital, criando e recriando novas dimensões nas relações com a natureza e com os sujeitos. Torna-se então um agente histórico produtor em seu contexto e tempo através do seu pensamento.

No que diz respeito ao ensino Severino (2006) propõe a presença da filosofia nos diversos cursos ofertados no ensino superior. Quando faz isso está colocando na condição de atividade reflexiva e não como simples disciplina. Através dela exercitar a subjetividade e compreender, juntamente com as demais modalidades de conhecimento, o sentido da existência humana. Humanizar é papel da humanidade, bem como exercer o conhecimento em sua plenitude. Por isso a reflexão filosófica está presente na formação profissional “[...] a *fortiori*, no nível da formação universitária [...]” (2006, p.99) para que se busque uma formação ampla e com significado humano com auxílio da filosofia, que em sua trajetória histórica reflete sobre o homem, desenvolvendo a sensibilidade intelectual à condição da existência histórico-social.

Severino (2006, p. 94-95) traz que o conceito de ensino superior:

[...] é mediação intencional e sistemática de uma educação voltada para qualificação científica e técnica, com vistas à preparação de profissionais dos diversos campos da atividade humana, incluindo aqueles profissionais que vão se dedicar ao próprio exercício de construção e disseminação do conhecimento científico. Prepara então os cientistas, os técnicos, os especialistas, todos direcionados para atuar no universo da produção material, no âmbito da vida social e na esfera da cultura simbólica, os três grandes espaços em que se dão as práticas fundantes do existir humano.

Nesse espaço do conhecimento espera-se uma formação integral que dê conta dos aspectos materiais, sociais e simbólicos. O estudante tem contato com o conhecimento e no processo

de reflexão também de como é possível construí-lo. É mais uma etapa em que o homem, ser natural, agrega-se de elementos humanizadores. A habilidade para o trabalho também está contemplada no humano, pois é atividade básica do ser humano e que gerou as transformações históricas que o fazem construtor de cultura, assim como para que possa exercer sua prática produtiva na profissão.

A formação tem seu conceito ampliado quando o próprio sujeito é autor de suas ações libertando-se de conformismos e gerando transformações. A partir dela os indivíduos podem alcançar a emancipação em sua condição humana do conhecer e permite desenvolver a ética e estética em sua condição social e cultural de existir.

A existência humana não consiste apenas em sobreviver ao mundo material, mas a existência enquanto ser social inserido num contexto histórico de uma cultura simbólica criada por nós na subjetividade. O poder de degradação, opressão e alienação tem abafado a importância da formação que entendemos da personalidade integral. Devido carências ontológicas faz-se necessário e é possível a educabilidade humana, (SEVERINO, 2006). O autor sugere ainda uma Paidéia na Universidade. De origem grega Paidéia está relacionada a formação da pessoa humana, sua melhoria e refinamento. Segundo Abbagnano (2007) a educação devido as boas artes que diferencia o homem dos demais animais.

2.4.1 Formação cultural ampla e formação humana na teoria crítica

Quando citamos a palavra cultura, em geral, remetemos na memória ao que caracteriza um conjunto de indivíduos, uma sociedade e mais do que isso pensamos em seus costumes. Porém a cultura abarca diferentes dimensões da vida social como a política, a economia e os modos de vida e convivência. Segundo Chauí (2008, p. 55) a palavra cultura se origina de cultivo e cuidado. No mundo ainda agrário esse cuidado refere-se à terra e ao plantio e ainda ao que fosse sagrado. “A cultura era concebida como uma ação que conduz a plena realização das potencialidades de alguma coisa ou de alguém [...]”.

As transformações históricas e a transição para Idade Moderna mudaram o conceito de cultura para o que se traduz como civilização. Os regimes políticos passam a ser valorizados e medidos a partir dos conjuntos de práticas estabelecidos como: artes, ciências, técnicas, filosofias, ofícios. A cultura está na evolução e progresso da sociedade, sendo o tempo atribuído como característica dessa cultura. É um momento de mudança nos modos de produção e o critério de medição do progresso cultural está no modelo capitalista europeu.

Esse modelou-se legitimou como critério de desenvolvimento das civilizações e das culturas, como verdade (CHAUI, 2008).

Já no século XIX a ideia de cultura como algo histórico ganha visibilidade. É atribuída a ideia de construção humana e que difere do natural, da adaptação primitiva a natureza. Conceito ampliado que no século XX é incorporado, segundo Chauí (2008, p.57), pelos antropólogos europeus influenciados pelas ideias de Marx. “[...] cultura exprime, de maneira historicamente determinada e materialmente determinada, a ordem humana simbólica [...] o termo cultura passa a ter uma abrangência que não possuía antes, sendo agora entendida como produção e criação [...]”. Produção essa que parte dos sujeitos, daquilo que interiorizam e transformam a sua melhor maneira e que passa a fazer parte do convívio social. Quando tais aspectos exprimem as subjetividades entendemos que atende aos anseios e necessidades criativas e estéticas do humano.

As ideias de Marx influenciaram também os estudiosos da teoria crítica ou Escola de Frankfurt iniciada no início do século XX. Esse grupo de intelectuais a partir de estudos interdisciplinares visava resgatar a dimensão crítica da filosofia e das ciências sociais a fim de trazer uma dimensão transformadora para realidade, em especial ao proletariado. Faz críticas a dominação de classes e a dificuldade do trabalhador em superar sua condição de explorado. O modo de produção econômico vigente atendendo aos interesses dominantes faziam os operários agirem de maneira reprodutora, e ainda o fazem (FREITAS, 2004). Fizeram parte da Escola de Frankfurt Walter Benjamin, Max Horkheimer, Theodor Wiesengrund Adorno entre outros. Os dois últimos escreveram o livro *Dialética do Esclarecimento* que influenciou os conceitos de semicultura e análises sobre indústria cultural. Esta seria uma estratégia de expansão da cultura de massa, ou seja, reprodutora, que irá tornar os bens culturais produtos para consumo em massa (SILVA, 2013).

Sobre formação cultural Aquino (2010) em seus estudos sobre Adorno traz a formação como um processo em que o sujeito continuamente interage com o meio em que está inserido. Tal processo não se finda, está em constante reavaliação. É essa interação que permite ao sujeito refletir e amadurecer seus conceitos internos, sua consciência sobre as dimensões culturais existentes na sociedade, bem como compreender o modo como a sociedade se apresenta.

A formação cultural requer autonomia e submissão, aceitação do mundo e ao mesmo tempo sua negação. É desse processo dialético que poderia advir a emancipação dos sujeitos. Contudo, para que haja esta tensão, a postura do indivíduo frente à sociedade requer necessariamente que o mesmo esteja consciente de seu papel. É somente através de ações livres que o indivíduo pode retroagir sobre a sociedade a fim de transformá-la. Segue-se a mesma tradição kantiana acerca da necessidade de

primeiro se atingir a maioria para em seguida desenvolvermos uma ação crítica e transformadora da sociedade (AQUINO, 2010, p. 34).

Apesar disso, a sociedade contemporânea tem sofrido um processo de materialização e transformação em coisa de tudo aquilo que produz. A produção feita pelo indivíduo carregada de sua subjetividade na atualidade tem perdido o sentido dado pelo humano e ganhado valor dado pelo mercado. O homem se adequou a condição de vida vigente determinada pela ideologia atual de consumo e têm deixado de experienciar as contradições sociais. Precisamos então compreender que a sociedade vive numa reprodução material.

Essa ideologia de consumo que determina os gostos é o que Adorno e Horkheimer (1985) chamaram de indústria cultural. Nela os bens culturais são comercializados de maneira programada e sistemática. Como se o produto atendesse ao gosto, unificado, das pessoas. Maar (2003) aponta ainda que é um mecanismo de construção da sociedade como um todo na base do capitalismo. A indústria cultural reconstrói o modelo de vida social a seu interesse. Torna a cultura mercadoria e cria estratégias para que o homem dominado por essa concepção seja reprodutor para que se sinta inserido no meio social. Adorno (1996, p.08) também fala a respeito: “Aliada à ideologia capitalista, e sua cúmplice, a indústria cultural contribui eficazmente para falsificar as relações entre os homens, bem como dos homens com a natureza, de tal forma que o resultado final constitui uma espécie de anti-iluminismo”.

Chauí (2008) aborda a indústria cultural como um meio de reforçar a divisão cultural. Para ela essa divisão é inerente a sociedade, criada pelo capitalismo e que marca a fragmentação social, a divisão de classes. A indústria cultural divide os bens culturais pelo seu valor de mercado, atribuído por ela. Nesse sentido reforça uma divisão de classes entre a elite consumista do que tem maior valor e as classes populares ou massas de pouca cultura e que compra o que é barato e comum. Em contrapartida ilude as pessoas de que todos têm acesso a esses bens, porém os objetos que cada um pode consumir já estão preparados para o tipo de público. Determinam o que cada classe pode saber dada a diferença com que o mesmo tipo de bem se apresenta a partir do público alvo. Além disso, exalta capacidades médias de pensamento reforçando o senso-comum de maneira refigurada e coloca a cultura como simples lazer e entretenimento.

O entretenimento é uma dimensão da cultura tomada em seu sentido amplo e antropológico, pois é a maneira como uma sociedade inventa seus momentos de distração, diversão, lazer e repouso. No entanto, por isso mesmo, o entretenimento se distingue da cultura quando entendida como trabalho criador e expressivo das obras de pensamento e de arte (CHAUI, 2008, p. 61).

Nessa situação de domínio o sujeito entra no que Adorno (2010) conceitua como semiformação ou semicultura. A formação é a compreensão subjetiva da cultura. A indústria cultural cria cópias de cultura para continuar existindo e essas são elaboradas de maneira a ser vendável uma vez que o sistema sobrevive pelo consumo. A consciência então se torna semiformada para que essa reprodução continue.

O sujeito semiformado busca sentido num mundo que o torna sem sentido, que não pergunta seus desejos e necessidades, que meramente reproduz. É um processo em que a resposta mais conveniente ao mercado é que interessa. A semicultura impõe um saber limitado a verdade, expressa apenas umas das vertentes existentes. Esse processo atribui de forma arbitrária um sentido a realidade que Maar (2003) compara ao que a religião Cristã fazia na Idade Média, período em que as explicações, os valores e atitudes estavam baseados na fé cristã. A adesão a esse mundo reprodutor se dá para aprender os hábitos monopolizados e ter destaque na sociedade.

Chauí (2008, p. 63) menciona esse processo reprodutor como “[...] negação da democratização da cultura” e aponta que essas questões exprimem um enfrentamento das relações da cultura com: Estado, o mercado e os criadores. Uma mesma sociedade abarca diferentes contextos culturais que se exprimem na pluralidade de sujeitos e grupos que nela habitam. Concordamos com Chauí (2008) quando afirma que o Estado deve dar conta de ser produtor da cultura representando a multiplicidade social existente. Deve estimular a criação da imaginação, da sensibilidade e da inteligência presente nas obras de arte e do pensamento. Diferente do mercado que restringe a arte a consumo e entretenimento. Pelo mercado a cultura se torna mensurável negando seu processo de criação.

A cultura está presente na vida do ser enquanto humano e sendo o trabalho algo que o caracteriza e o diferencia dos demais seres Chauí (2008, p. 65) nos traz a relação da cultura enquanto trabalho:

Como trabalho, a cultura opera mudanças em nossas experiências imediatas, abre o tempo com o novo, faz emergir o que ainda não foi feito, pensado e dito. Captar a cultura como trabalho significa, enfim, compreender que o resultado cultural (a obra) se oferece aos outros sujeitos sociais, se *expõe* a eles, como algo a ser recebido por eles para fazer parte de sua inteligência, sensibilidade e imaginação e ser retrabalhada pelos receptores, seja por que a interpretam, seja por que uma obra suscita a criação de outras.

Sendo a cultura produzida pelos sujeitos o Estado deve entendê-la como direito do cidadão, pois mesmo aqueles que não são produtores diretos de bens (quadros, danças, teatros) a partir do seu contato vão construir na memória e produzi-la da melhor forma. Enquanto um direito

de todos, a democratização da cultura contrapõe-se a política neoliberal que a torna simples mercadoria. Isso posto que a democracia está além de um regime político, conforme Chaui (2008), e é algo inerente a uma sociedade. Sociedade democrática que pratica uma “cultura da cidadania”. A cultura numa sociedade democrática é um direito de todos. Constitui-se também criação social aberta às transformações e ao novo. Não se fixa numa forma determinada, pois está sempre em discussão sobre as diferenças postas.

A cultura virou mercadoria. O pensamento está limitado ao fato isolado e ao saber como simples qualificação para o mercado de trabalho específico e para aumentar o valor das pessoas (melhores salários). A autorreflexão do espírito foi substituída. Para Maar (2003) a sociedade se deforma quando adapta sua condição de produção a fatores apenas externos. Esse processo começa quando o trabalho, algo inerente ao homem (ontológico), vira mercadoria e os impulsos humanos se tornam mensuráveis e passíveis de troca. O autor menciona Adorno (1993) na perspectiva materialista dialética quando diz que o sistema impõe um progresso as forças produtivas técnicas e os homens se deixam manipular sem resistir, como objetos.

A esse respeito nos remetemos a Kant (1985, p. 100) quando fala na minoridade que o homem vive. Esta “[...] é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo”. Nesse sentido o indivíduo acostuma-se a fazer suas escolhas mediante ao que lhe é oferecido sem submeter-se a refletir se é necessário a si. Comparamos ao consumo massivo dos bens culturais oferecidos pela indústria cultural. Esta como tutora das escolhas, sendo baseada na geração de lucro para indústria, pois consiste num mercado. Kant (1985) aponta a preguiça e a covardia como condição para manutenção no estado de minoridade sendo mais cômodo deixar a outro a tarefa de oferecer a refletir e buscar sobre outras opções.

Para manutenção de sua condição de tutores os mecanismos de coerção defendem a dificuldade para os indivíduos de alcançar a maioridade. Condição em que o sujeito teria maior poder e vontade de reflexão sobre o que lhe é ofertado. A indústria cultural enquanto condutora dos melhores bens a serem consumidos explora a condição de que todos podem possuir e através disso não estarão fora do contexto social. Na saída da minoridade, conforme Kant (1985), o próprio homem é responsável pelo esclarecimento, ou seja, liberdade para fazer uso público de sua razão. Diríamos ainda que estímulo para exercício do pensamento e experimentação sobre a diversidade, não vendida.

A cultura e a formação não devem estar embasadas por interpretações idealistas. A semiformação resulta de um processo sistemático de dominação mediado por relações

políticas e econômicas dominantes. A cultura produzida pela indústria cultural remete a sociedade se copiando, ou seja, ter ela própria como ideologia sem considerar as contradições. A formação social ocorre de maneira cultural-ideológica determinada.

Para Maar (2003, p. 473) uma educação para emancipação é crítica a semiformação. Não é idealista. Permite a experiência das contradições, do diverso. “A contradição social é o remédio para a doença da sociedade que é a semiformação”. O papel político da educação é emancipar. Isso é algo dinâmico e difícil tendo em vista que a ideologia econômica do consumo e a indústria cultural exercem forte pressão nos sujeitos e que a educação não pode ignorar a sociedade como se apresenta e preparar os homens para ela. Porém a educação pode ser eficaz quando age de maneira crítica a semiformação e aos limites que ela impõe a vida das pessoas.

Nesse sentido acreditamos ser possível alcançar uma formação cultural ampla. Contrária a semiformação e extrapolando a ideologia das classes dominantes e os interesses meramente mercadológicos da indústria cultural. Ampla por abarcar os diferentes elementos humanos existentes, mais ainda por permitir ao sujeito escolher e atuar a partir de sua subjetividade sem considerar-se fora do contexto social. Pensando num mundo onde a informação não é de difícil acesso retomamos Kant (1985) quanto a covardia e comodismo de buscar o esclarecimento. Pode ser a educação, através do conhecimento, um importante meio de fomentação da autonomia do sujeito.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa buscou fundamentação através de revisão bibliográfica e a análise quantitativa e qualitativa dos dados valendo-se de questionários. Entendemos por pesquisa um “procedimento racional e sistemático” para obtenção de resposta a um problema previamente estabelecido a partir da utilização de métodos e técnicas, (GIL, 2002, p. 17). Consiste numa pesquisa exploratória uma vez que procuramos nos aproximar do problema e aprimorar ideias a respeito.

Em relação ao levantamento bibliográfico concordamos com Andrade (2010, p. 128) quando afirma que busca “proporcionar uma revisão sobre a literatura referente ao assunto” e “[...] possibilitar a determinação dos objetivos, a construção das hipóteses e oferecer elementos para fundamentar a justificativa da escolha do tema”. A revisão bibliográfica realizou-se durante todo o estudo como forma de fundamentar teoricamente o trabalho, de apoio para delimitação do campo de investigação, aprimoramento dos procedimentos metodológicos até a análise dos dados. Utilizaremos a bibliografia produzida na área das ciências humanas referente a concepção das Universidades e a formação humana, pautando os autores que se baseiam na Teoria Crítica como elemento essencial para a formação profissional.

A investigação de campo foi feita para coleta de dados de um universo de estudantes universitários e tais dados submetidos a análise quanti-qualitativa. Para alcançar nosso objetivo de investigar como os estudantes relacionam suas experiências artísticas culturais com sua formação Universitária, consideramos que o questionário seria o instrumento metodológico mais pertinente para levantar tais informações sendo que “a vantagem maior diz respeito à possibilidade de se abranger um grande número de pessoas” (BARROS, 1990, p. 74). Utilizamos perguntas fechadas e abertas e exploramos as vantagens que o questionário padronizado oferece à coleta de dados como nos fundamenta Laville e Dionne (1999, p. 184):

[...] se mostra econômico no uso e permite alcançar rápida e simultaneamente um grande número de pessoas, uma vez que elas respondem sem que seja necessário enviar-lhes um entrevistador. A uniformização assegura, de outro lado, que cada pessoa veja as questões formuladas da mesma maneira, na mesma ordem e acompanhadas da mesma opção de respostas, o que facilita a compilação e a comparação das respostas escolhidas e permite recorrer ao aparelho estatístico quando chega o momento de análise.

O questionário utilizado (Apêndice A) foi adaptado da dissertação de Costa (2011) que o utiliza para pesquisa com estudantes de Educação Física em três instituições de ensino superior de Vitória. A partir do questionário mapeamos de uma forma geral quais as experiências artístico-culturais que os acadêmicos costumam frequentar, além de nos permitir

analisar se esta experiência tem relação e relevância com a formação profissional e humana. A pesquisa teve como foco as experiências artístico-culturais, e assim delimitamos o usufruto de cada experiência cultural ligada às artes como cinema, artes plásticas, teatro, música, dança, literatura e fotografia. Isso teve destaque no nosso instrumento de coleta de dados. Foram aplicados questionários aos alunos dos períodos finais de alguns cursos ofertados pela FCSES tendo como ponte os coordenadores dos cursos ou o contato entre a professora orientadora da pesquisa e alguns professores de disciplina.

Antes da pesquisa de campo realizamos um teste piloto com alunos participantes de grupo de estudo, onde marcamos o tempo médio para responder ao questionário e considerações sobre algumas questões e formatação da folha de questões. A escolha por esse público (alunos dos períodos finais) se dá pelo fato de já terem percorrido alguns anos como Universitários, estarem prestes a serem profissionais habilitados em suas áreas, ou seja, estão no processo de transição entre a condição de estudantes e de profissionais (COSTA, 2011). Nessa condição acreditamos que poderiam contribuir de maneira mais significativa para alcance de respostas à problemática da pesquisa, pois já acumulam algumas experiências.

Foram coletados dados em oito cursos oferecidos pela instituição o que totaliza quarenta por cento do total. Na ocasião foi feita a explicação sobre a pesquisa, seus objetivos e a importância da contribuição dos alunos como voluntários. Os cursos participantes e a quantidade de voluntários foram: Filosofia, nove estudantes; Farmácia, cinco; Educação Física, sete; Serviço Social, nove; Administração, sete; Psicologia, sete; Ciências Biológicas, dezessete; e Enfermagem, cinco. Totalizando sessenta e seis universitários voluntários. Contemplamos três dos cinco cursos iniciais oferecidos pela FCSES no ano de sua inauguração.

A coleta iniciou em novembro de 2015 finalizando em março de 2016. Foi necessário ajuste aos dias e horários em que as turmas estavam presentes na instituição bem como ao planejamento de aulas e calendário de avaliações a fim de causar menos transtorno e evitar a não participação. Por esse motivo também a coleta de campo deu-se em sua maioria no turno matutino. Com exceção da turma de Ciências Biológicas, que continha 17 alunos, o quantitativo de alunos nas turmas visitadas oscilava entre cinco e dez formandos. Os professores foram muito receptivos ao ceder um tempo para aplicação dos questionários e os alunos, na maioria das turmas, concentraram-se nas questões.

Esta pesquisa atende aos requisitos previstos na resolução 196 do Conselho Nacional de Saúde, a qual normatiza sobre os aspectos éticos das pesquisas científicas envolvendo direta e

indiretamente seres humanos. Nesse sentido, será preservada a identidade dos sujeitos da pesquisa, os quais autorizaram o uso das informações registradas em questionário a partir da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO A).

4 RESULTADO E DISCUSSÃO

4.1 AS EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICO CULTURAIS DOS UNIVERSITÁRIOS DA FCSES

Neste capítulo apresentaremos os dados coletados em campo, por meio de questionário, bem como refletiremos acerca das experiências culturais apresentadas pelos acadêmicos e a relação que fazem com a formação profissional. Como mencionado na metodologia sessenta e seis voluntários responderam à pesquisa. Estes estão divididos em oito cursos oferecidos pela FCSES.

Optamos por agrupar os cursos participantes em áreas do conhecimento. Para isso nos baseamos nas tabelas da Fundação de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES (2014) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq ([20..]). Obtivemos três áreas: Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (CHSA) com os cursos de Filosofia, Psicologia, Serviço Social e Administração; Ciências da Saúde (CS) cursos de Licenciatura em Educação Física, Farmácia e Enfermagem; e Ciências Biológicas (CB) curso de Bacharel em Ciências Biológicas.

A partir de uma regra de três simples a área das Ciências Humanas e Sociais contemplou o maior percentual de participantes na pesquisa, quarenta e oito por cento (48%). Ciências da Saúde e Biológicas ficaram cada uma com vinte seis por cento (26%) dos voluntários.

Inicialmente questionamos quais os sites que os universitários mais frequentam. A partir das respostas dividimos em: e-mail, lazer e entretenimento, notícias e informações, rede social, sites relacionados à graduação, religiosos e vídeos. Na CHSA predominaram a opção notícias e informações seguida de pesquisa. Nas CS também as notícias e informações seguida de rede social e nas CB pesquisa e sites relacionados à graduação foram os mais mencionados.

Dado o tamanho acesso a rede mundial de comunicações consideramos relevante tal questionamento. Observamos de maneira expressiva a opção notícias e informações, além de sites relacionados à graduação e podemos relacionar isso a condição dos participantes de estudantes em formação profissional. Quando especificamos os sites relacionados a esse item (notícias e informações) foram citados Globo, G1, Folha de São Paulo, sites esportivos, Carta Capital, Revista Galileu, Gazetaonline, Uol e Terra. Representam em geral sites de assuntos variados o que abrange as áreas de interesse dos participantes fazendo-nos entender que o lazer pode estar inserido nesses acessos. Porém consideramos que são sites do senso-comum

vinculados a grandes difusoras de comunicação que podem contribuir para semiformação mediada por processos de interesse político e econômico dominantes.

Pensando nos sites relacionados a graduação como a segunda opção mais apontada podemos analisar como uma extensão do tempo de trabalho (no caso deles da formação profissional), uma provável forma de alcançar as demandas exigidas pelo ensino superior. Costa (2011) afirma que a organização do mundo capitalista prolonga as facetas do trabalho até para o tempo livre tornando este seu prolongamento. Porém refletimos se este prolongamento se dará apenas durante o processo de formação ou avançará para condição de profissionais formados ocupando parte do tempo de lazer.

Destacamos para análise algumas manifestações artísticas como: assistir filme em casa, cinema, show de música, museu/exposição de arte, teatro e ouvir música. A partir dessas manifestações procuramos investigar o contato que possuem com elas e a relação que fazem com a formação profissional. Compreendemos tais elementos como símbolos construídos nas relações históricas entre linguagem e trabalho, pois elas ultrapassam a necessidade rudimentar do homem que, saciadas, busca novas objetivações (MARX e ENGELS, 1989), sendo a arte parte delas. A partir do contato com os símbolos humanos e das relações sociais é que os sujeitos constroem a subjetividade, que nessa pesquisa consideramos sujeitos-profissionais, imbuídos de capacidades técnicas, mas com autonomia para participar do mundo social.

Perguntamos como usufruem o tempo livre. Os participantes dos cursos da CHSA em sua maioria afirmam assistir poucos filmes em casa ou no cinema, não usufruir de show de música, museu/exposição de arte, teatro, porém ouvir música é algo que fazem muitíssimo.

Em seguida questionamos quais experiências culturais frequentam. O cinema é pouco frequentado por esse grupo assim como literatura. Teatro, dança, artes plásticas, fotografia e manifestações folclóricas não são frequentados. No caso da música apesar de usufruírem muitíssimo a escala pouco frequentada foi a mais expressiva.

Sobre qual das experiências citadas mais agrada, música, teatro e cinema ficaram entre o muito e muitíssimo. Ficando dança, fotografia, literatura, artes plásticas e manifestações folclóricas na escala pouco agrada. Apontamos o teatro como algo que não é usufruído, não é ou é pouco frequentado, mas agrada a maioria dos voluntários da pesquisa da área de CHSA. Assim como a música que é muito/muitíssima usufruída e do agrado da maioria deles, porém pouco frequentada. Na tabela 1 apresentamos os percentuais desses itens.

Tabela 1 – Percentual comparativo entre as experiências de maior e menor (música e teatro) expressão em relação a usufruir, frequentar e agradar do grupo CHSA.

		Não ou muito pouco	Pouco	Muito/muitíssimo
Música	Usufrui	6%	16%	78%
	Frequenta	34%	44%	22%
	Agrada	3%	6%	91%
Teatro	Usufrui	78%	22%	0%
	Frequenta	63%	31%	6%
	Agrada	16%	22%	62%

Fonte: Elaborada a partir dos dados coletados na pesquisa de campo.

Os participantes do grupo da área de CS em geral responderam que usufruem o tempo livre ouvindo música, porém a maioria não vai a shows de música. Em relação a filmes o usufruto é pouco e show de música, museu/exposição de arte e teatro ficaram na escala do não usufrui ou muito pouco. Concomitante o grau de frequência em relação às manifestações apontadas no questionário ficaram entre o não e o muito pouco sendo artes plásticas o menos frequentado. A música é usufruída e agrada a maioria, mas não frequentam muito. Sobre as experiências culturais que mais agradam música e cinema foram os mais apontados. Em contrapartida as artes plásticas não agradam ou agradam muito pouco a maioria. Segue na tabela 2 o percentual dos itens mencionados. O asterisco indica questões que alguns participantes não responderam.

Tabela 2 - Percentual comparativo entre as experiências de maior e menor expressão em relação a usufruir, frequentar e agradar do grupo CS.

		Não ou muito pouco	Pouco	Muito/muitíssimo
Música	Usufruir	18%	6%	76%
	Frequentar	47%	24%	29%
	Agradar*	6%	12%	76%
Cinema	Usufruir	29%	59%	12%
	Frequentar*	29%	47%	18%
	Agradar*	12%	18%	65%
Artes plásticas	Usufruir	100%	0	0
	Frequentar*	94%	0	0
	Agradar*	71%	18%	2%

Fonte: Elaborada a partir dos dados coletados na pesquisa de campo.

NA área de CB os participantes apresentam ouvir música e assistir filme em casa como usufruto do tempo de lazer da maioria deles, seguido do cinema. Este e a música são as manifestações mais frequentadas e também o que mais agrada. Dança e manifestações folclóricas aparecem como os menos frequentados apesar de a dança agrada metade dos participantes. A fotografia surge como algo que os agrada apesar de não ou muito pouco frequentada. A tabela 3 apresenta os percentuais.

Tabela 3 - Percentual comparativo entre as experiências de maior e menor expressão em relação a usufruir, frequentar e agradar do grupo CB.

		Não ou muito pouco	Pouco	Muito/muitíssimo
Música	Usufruir	0%	12%	88%
	Frequentar	29%	29%	42%
	Agradar			100%
Cinema	Usufruir	30%	35%	35%
	Frequentar	24%	41%	35%
	Agradar	6%	6%	88%
Dança	Frequentar	76%	6%	18%
	Agradar	29%	24%	47%
Fotografia	Frequentar	71%	12%	17%
	Agradar	6%	41%	53%

Fonte: Elaborada a partir dos dados coletados na pesquisa de campo.

No geral música e cinema aparecem como as mais usufruídas e do agrado nos três grupos. Adorno e Horkheimer (1985) apontam o cinema e a música como as manifestações mais utilizadas pela indústria cultural e meio de venda desses bens, o que pode explicar tal preferência pela maioria dos acadêmicos. Para Costa (2011) esse uso se deve pela fácil difusão e disseminação que os dois bens possuem. Pensando que é possível que as mídias cheguem até os sujeitos, seja por meio do rádio, televisão e atualmente ainda mais com a internet até mesmo nos celulares podemos compreender a reflexão dos autores a respeito.

Quando se trata da música a maioria dos participantes nas três áreas de conhecimento pesquisada afirma ter o hábito de ouvir. Questionamos ainda em que situação e com que frequência usufruem dessa expressão artística. Devido à variedade de situações apresentadas dividimos estas em grupos (em trânsito, estudando, outras situações, tempo livre e trabalhando). No grupo CHSA e CB predomina o item “outras situações” que envolve antes de dormir, em casa, nervosismo, etc. Porém no primeiro a frequência é uma hora por dia e no segundo três horas por dia. O grupo das CS costuma ouvir música, em geral, quando em

trânsito (dirigindo, ônibus, indo para algum lugar) seguido de outras situações com frequência de uma hora por dia. A opção “outras situações” se apresenta nas três áreas do conhecimento. A tabela 4 apresenta os percentuais.

Tabela 4 – Percentual sobre o hábito de ouvir música dos grupos CHSA, CS e CB.

Hábito de ouvir	Musica					
	CHSA		CS		CB	
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
	97%	3%	94%	6%	100%	0%
Situação	Outras situações	Tempo livre	Em trânsito	Outras situações	Outras situações	Em trânsito
	66%	34%	65%	59%	65%	41%
Frequência	1h / dia		1h / dia		3h / dia	
	41%		35%		41%	

Fonte: Elaborada a partir dos dados coletados na pesquisa de campo.

Música está no hábito da esmagadora maioria e possui frequência em dois grupos de uma hora por dia em situações diversas (trabalhando, usando computador, momentos de espera, atividades domésticas, prática esportiva, festas, etc.). Quando nos referimos a música como manifestação artística compreendemos que deve ser apreciada com todo aparato humano que carrega. Conforme Chauí (2008) a cultura está na produção e criação que caracterizam o valor humano no elemento cultural. A partir das situações apresentadas no hábito de ouvir música e na frequência percebemos esse momento como distração, um uso funcional da arte, em especial quando em trânsito. Essa apreciação limitada pode ser entendida como o processo alienador a que Adorno (2010) nos aponta como semicultura.

No estilo de música que mais agrada (muito ou muitíssimo na escala) aos universitários participantes a religiosa surge como maioria em dois grupos, CHSA e CS. Os alunos da CB preferem o rock e a MPB. Surge também neste grupo uma preferência pela música erudita e jazz. Pontuamos também as opções que menos agradam (escala do não ou muito pouco) e o funk aparece em primeiro nas três áreas do conhecimento. O congo também aparece nesse nível. Na tabela 5 demonstramos percentualmente os estilos que mais e menos agradam.

Tabela 5 – Percentual dos estilos musicais que mais e menos agradam os grupos CHSA, CS e CB.

	CHSA		CS		CB	
Mais agrada	Religiosa	69%	Religiosa	59%	Rock / MPB	59%
	Pop rock	59%	Sertaneja	47%	Erudita / jazz	47%
Menos agrada	Funk	84%	Caipira raiz / congo / funk	65%	Funk	88%
	Congo	75%	Bossa nova / jazz	59%	Axé / congo	82%
	Axé / blues / jazz	59%			Caipira raiz	76%

Fonte: Elaborada a partir dos dados coletados na pesquisa de campo.

No parágrafo anterior refletimos sobre a produção e criação que caracterizam o valor humano no elemento cultural. Relacionamos então o fato do estilo sertanejo aparecer como mais agrada ao passo que o estilo caipira raiz menos agrada no grupo CS. Não será o sertanejo atual uma transformação do ritmo musical caipira? Mais ainda, não teria ele sido transformado pela indústria cultural e assim sido difundido de maneira massiva? Quando pensamos na semicultura, para Adorno (2010), o saber sobre ela está limitado a uma verdade, a da reprodução. O conhecimento sobre a arte perpassa a valorização do que a originou que é o caso dos estilos citados. Em relação a música religiosa, não coube ao questionário perguntar a religião dos participantes, mas ela aparece com expressão em dois grupos, pensamos a relação com o fato da instituição ser também de cunho religioso.

Em relação à música erudita apresentamos algumas opiniões e solicitamos que julgassem o que mais expressasse a do participante. A frase “interesse-me por toda música de boa qualidade” foi a mais demarcada na CHSA e CB. Porém não aparece na escala mais agrada dos dois grupos, conforme tabela 5, aparecendo o blues, jazz e bossa nova como as que menos agrada. Fato interessante uma vez que são estilos tocados em emissoras de rádio e ambientes que não são frequentados pelas massas e que não são, em geral, reproduzidos como bens principais da indústria cultural. O grupo das CS aponta que “a música erudita não é para pessoas como eu” na maioria das respostas. Tendo em vista que a cultura é uma propriedade humana e deve ser entendida como um direito do cidadão, segundo Chauí (2008), cabe indagar como o processo ideológico impõe aos sujeitos o que cabe ou não a eles experimentar, conhecer e/ou gostar.

Assim como a música, os filmes são a grande preferência da maioria. Perguntamos se os participantes têm o costume de ir ao cinema. Nos grupos analisados a grande maioria responde que sim, assim como assistir filmes em casa. Porém quando confrontamos o cinema e assistir em casa a frequência do primeiro é inferior ao segundo o que caracteriza a fácil

disseminação comercial apresentada por Costa (2011) e que mencionamos acima. Os meios para isso que aparecem na pesquisa variam entre internet e assistir na televisão. Em se tratando de televisão aberta o sujeito está mais ainda refém da vontade da indústria cultural e seu aparato ideológico, determinando o que as pessoas assistem, propagando o que as pessoas devem comprar. Na tabela 6 apresenta-se os dados.

Tabela 6 – Percentual sobre hábito de assistir filme no cinema e em casa dos grupos CHSA, CS e CB.

CHSA	Costuma ir ao cinema		Frequência	
	Sim	84%	1 vez cada 2 meses	44%
	Não	16%	1 vez mês	25%
	Assistir filme em casa		Frequência	
	Sim	94%	Acima 3 vezes mês	47%
	Não	6%	3 vezes mês	19%
CS	Costuma ir ao cinema		Frequência	
	Sim	82%	1 vez cada 2 meses	47%
	Não	18%	1 vez mês	18%
	Assistir filme em casa		Frequência	
	Sim	82%	Acima 3 vezes mês	53%
	Não	18%	3 vezes mês	18%
CB	Costuma ir ao cinema		Frequência	
	Sim	88%	1 vez cada 2 meses	29%
	Não	12%	2 vezes mês	24%
	Assistir filme em casa		Frequência	
	Sim	100%	Acima 3 vezes mês	59%
	Não	0%	Demais opções	41%

Fonte: Elaborada a partir dos dados coletados na pesquisa de campo.

Em relação as demais manifestações artístico-culturais que estão em destaque nessa pesquisa como: teatro, artes plásticas, dança, e fotografia, estão entre as que menos agradam aos participantes. As artes plásticas tiveram a menor aceitação no que diz respeito a usufruir, frequentar e gostar, vide tabela 2. No caso do teatro o gostar foi significativo no grupo CHSA apesar de não usufruírem e não frequentar. Na questão você tem o hábito de ir ao teatro? Os três grupos envolvidos na pesquisa tem como maioria a resposta não. Um dos grupos alcança o total de participantes com tal resposta. A tabela 7 apresenta os percentuais.

Tabela 7 – Percentual sobre o hábito de ir ao teatro dos grupos CHSA, CS e CB.

Costuma ir ao teatro?	CHSA		CS		CB	
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
	16%	84%	0%	100%	24%	76%

Fonte: Elaborada a partir dos dados coletados na pesquisa de campo.

Assim como no teatro, os voluntários também não costumam frequentar museus. No grupo das CHSA e CS a maioria não frequenta esse espaço cultural. No caso das CB, por uma pequena diferença predominou a resposta sim. Deste grupo os que frequentam demarcaram, em geral, a opção uma vez a cada dois meses, assim como a minoria nos demais grupos (CHSA e CS). Na tabela 8 visualizamos os percentuais.

Tabela 8 – Percentual dos participantes sobre hábito de ir a museus nos grupos CHSA, CS e CB.

Você vai a museus?					
CHSA		CS		CB	
Sim	34%	Sim	24%	Sim	53%
Não	66%	Não	76%	Não	47%
Se sim, com que frequência?					
1 vez a cada 2 meses	82%	1 vez a cada 2 meses	75%	1 vez a cada 2 meses	67%

Fonte: Elaborada a partir dos dados coletados na pesquisa de campo.

Esse não usufruto pode estar atribuído a falta de interesse dos indivíduos, mas também a falta de estímulo a apreciação. Costa (2011, p.90) afirma que a apreciação artística é um processo de aprendizagem. O contato com a arte e suas objetivações é que irão gera-la e auxiliar na construção da subjetividade dos sujeitos.

A arte, como um conhecimento não conceitual, faz parte da formação do mundo construído pelo ser humano, porém é uma forma diferente de conhecimento. Nós não nascemos predestinados a apreciar ou não a arte; é uma conquista humana, que acontece ao longo da vida, de acesso a ela e de sua aprendizagem. Do modo como o mundo está construído e organizado, a lógica não é o refinamento dos gostos, do prazer ou de conhecer mais o mundo no qual vivemos e o qual podemos construir. A idéia é de regressão dos sentidos para uma vivência acorrentada ao modo de produção.

Percebemos que o gosto pelas artes é algo que necessita de estímulo e se constrói ao longo da vida. Nesse processo o sujeito passa por várias etapas em instituições diversas, seja familiar, formais e não formais. Indagamos então que pessoas influenciaram os voluntários às atividades culturais. No grupo das CHSA e das CS os amigos e colegas são predominantes,

seguidos da escola, professores e orientadores no caso da CHSA e dos pais no caso da CS. Já para CB os pais são maioria na indicação de influência, seguido de amigos e colegas. A partir desses dados entendemos que a relação familiar pode ser o primeiro contato com as manifestações da cultura humana e que as relações sociais em diferentes momentos influenciam na preferência bem como os aproximam por afinidades. A menção à escola, professores e orientadores nos confirma que o ambiente educacional é espaço propício para ampliação do contato com a arte e da promoção de seu entendimento como conhecimento não conceitual como aponta Costa (2011).

Outra pergunta do questionário diz respeito à leitura de livros não relacionados a graduação e se fazem uso de outras literaturas além das indicadas nos cursos de formação profissional. Apenas nas CHSA a resposta sim é maioria. Nos outros dois grupos em geral não costumam ler livros além da graduação. Tabela 9 aponta os percentuais. Da mesma maneira quando perguntado se já escreveram algum conto ou poema ou crônica os grupos demarcam que não. Contrariamente o grupo das CHSA apesar de acessar literatura, em grande parte não escreveu.

Tabela 9 – Percentual sobre hábito de ler livros não relacionados a graduação dos grupos CHSA, CS e CB.

		CHSA	CS	CB
Costuma ler livros não relacionados à graduação?	Sim	72%	41%	41%
	Não	28%	59%	59%

Fonte: Elaborada a partir dos dados coletados na pesquisa de campo.

Apesar de grande parte dos voluntários do grupo CHSA afirmar ler livros não relacionados a graduação quando solicitamos que indicassem alguns dos autores preferidos nos deparamos com nomes que fazem parte do currículo da formação profissional dos cursos assim como os livros citados. Foi o caso da Psicologia em que foram citados os autores Freud e Anna Bock e os livros Psicologia Transpessoal e Princípios Básicos de Análise do Comportamento. Também no Serviço Social foram citados os autores Yamamoto, Potiara e João Paulo Netto e os livros História do Serviço Social e Serviço Social na Contemporaneidade. Interessa destacar que os dois cursos mencionados fazem parte das CHSA cujo percentual de leitores é de 72%.

Novamente percebemos uma utilização do tempo livre como meio para fins de trabalho quando a leitura se relaciona com as funções da graduação. A literatura como manifestação cultural deve ser fator de humanização. Como tal auxilia na promoção da criatividade e na resistência ao pensamento uniforme. Os textos acadêmicos apresentam um caráter técnico, dos conhecimentos inerentes à ação profissional. Diferente, os textos literários refletem ficções, dramas, poesias que retratam culturas ou subjetividades dos autores e que terão novos sentidos aos leitores por meio das reflexões que podem surgir agindo na formação do sujeito, uma vez que, nela é permitido fugir dos padrões e normas sociais podendo analisar atitudes e modos da vida de maneira distinta da convencional, sem juízo de valor. Promovendo quebra de um pensamento alienado provocado pelo sistema do trabalho e consumo. “[...] a literatura possibilita um alargamento de horizontes, já que oportuniza aos indivíduos uma posição crítica a diversidade vivenciada pelo leitor”, afirmam Cavalcanti e Pereira (2010, p. 427).

Entendendo a arte como uma construção humana e a partir do hábito da leitura perguntamos se os participantes já haviam escrito algum conto, crônica ou poema. Nos três grupos pesquisados a maioria responde que não. Daqueles que responderam positivamente percebemos que em geral mencionam a escola como local em que fizeram isso o que expressa a importância desse ambiente na difusão da cultura artística. Abaixo segue tabela 10 com percentuais baseada no número total de participantes (sessenta e seis).

Tabela 10 – Percentual do total de quem já escreveu algum conto, crônica ou poema.

Já escreveu algum conto, poema, crônica?	Sim	24%	Em qual situação?	Escola	55%
	Não	76%			

Fonte: Elaborada a partir dos dados coletados na pesquisa de campo.

Ainda sobre a leitura questionamos sobre o hábito de ler jornal. Nos três grupos (CHSA, CS, CB) a maior parte dos participantes afirma que sim. A frequência com que isso acontece difere no grupo das CHSA cuja maioria aponta ler somente aos domingos ou uma vez por semana ficando em segundo a opção algumas vezes por semana. Nos outros dois grupos predomina a opção algumas vezes por semana. Observe tabela 11.

Tabela 11 – Percentual sobre costume e frequência para leitura de jornal dos grupos CHSA, CS e CB.

Costuma ler jornal?					
CHSA		CS		CB	
Sim	81%	Sim	65%	Sim	71%
Não	19%	Não	35%	Não	29%
Com que frequência					
Somente aos domingos ou 1 vez por semana	31%	Algumas vezes por semana	55%	Algumas vezes por semana	67%

Fonte: Elaborada a partir dos dados coletados na pesquisa de campo.

Perguntamos aos participantes se foram a alguma festa folclórica. Houve diferença nas respostas dos três grupos pesquisados. CHSA as respostas se dividem. Metade dos voluntários afirma que sim e outra metade que não. CS a maioria afirma que sim e CB a maioria afirma que não. Pedimos então que informassem em qual festa já haviam ido. O congo e a festa junina são apontados nos três grupos. Festa de São Benedito aparece em dois (CHSA e CB). Alguns não responderam a pergunta. Na tabela 12 podemos visualizar o percentual de participantes que já foi a alguma festa folclórica e quais foram as mais citadas. O cálculo das mais citadas baseia-se na quantidade de festas citadas, pois o questionário não determina quantidade.

Tabela 12 – Percentual dos participantes que já foi a alguma festa folclórica e qual dos os grupos CHSA, CS e CB.

Já foi a alguma festa folclórica?					
CHSA		CS		CB	
Sim	50%	Sim	76%	Sim	29%
Não	50%	Não	24%	Não	71%
Qual?					
Congo	12%	Congo	38%	Congo	43%
Festa junina	12%	Festa junina	15%	Festa junina	14%
Não respondeu	19%	Não respondeu	15%	Festa São Benedito	29%
Respostas que não envolvem festas folclóricas					
Evento de comunicação		Escola			
Teatro					

Fonte: Elaborada a partir dos dados coletados na pesquisa de campo.

Interessante destacar que na tabela 5 o congo aparece como um dos estilos musicais que menos agrada os participantes nos três grupos. O que levaria essas pessoas a uma festa de congo se a música não as agrada? Podemos pensar numa forma de socialização? Socialização

esta que se desvincula da apreciação artístico cultural e se relaciona com participar e se sentir inserido no meio social, relação direta com a proposta reprodutora da indústria cultural. Quando citam a festa junina também podemos pensar em algo relacionado a tradição escolar ou religiosa de festejar esse momento e que tenham participado, pois tal cultura tem força em outras regiões do país.

Apontamos ainda respostas que não envolvem festas folclóricas e foram mencionadas pelos indivíduos. A partir dessas não festas folclóricas refletimos que entendimento os participantes têm a respeito de folclore. Provavelmente apontaram apresentações que tenham visto nos lugares mencionados (evento de comunicação, teatro e escola) como definição de festa folclórica. Mostra uma visão equivocada dessa manifestação cultural. Essa festa envolve todo um contexto de tradição em sua existência e normatização enquanto tal, num usufruto prazeroso e produtivo representando interesses e objetivos não comerciais construídos popularmente e que perpetuam nas gerações sendo as festas o auge da manifestação da cultura. Conforme Rapchan (2008) é um saber do povo e para os folcloristas um fenômeno e um conhecimento produzido.

Nas perguntas abertas do questionário buscamos que os indivíduos expusessem suas opiniões entre as experiências culturais mencionadas no decorrer da pesquisa e vivenciadas por eles. Também a relação com a formação universitária e profissional. Para isso consideramos mais proveitoso uma análise por curso e agrupar as respostas por afinidades.

Iniciamos perguntando qual foi a experiência cultural que mais marcou os participantes. No curso de filosofia (nove voluntários) apresentam-se respostas que envolvem manifestações artísticas mencionadas no decorrer do questionário. Citaram dança (participando), filme, teatro (assistindo e participando), exposição e museu. Dos nove alunos um considera que nenhuma o marcou e outro não atendeu a pergunta.

No curso de Psicologia (sete voluntários) mencionaram o teatro e dois participantes relataram que as histórias foram e são marcantes para eles, visita a obras de arte e monumentos bem como estudo sobre o tema. Um participante apontou a religiosidade como uma experiência marcante e outro afirma que nenhuma o marcou.

Para os alunos do curso de Serviço Social (nove voluntárias) as experiências apontadas envolvem apresentações musicais assistidas e conhecimento sobre a cultura indígena, capoeira e o congo. Dois não responderam a questão e uma afirma que não frequenta muito. Já no curso de Administração (sete voluntários) conhecer a dança gaúcha e paraense (Carimbó) e

usufruir da cultura hip hop foram elementos que marcaram alguns dos universitários. Mencionaram também a ópera. Três deles não responderam e um afirma que nunca participou de experiências culturais.

Esses quatro cursos integram o grupo das CHSA. Podemos observar que os universitários já tiveram algum contato com manifestações artísticas variadas e o fato de recordar delas pode nos indicar que foi marcante. Os momentos em que esse contato ocorreu também se diversificam, uma vez que, a história de cada sujeito depende do contexto social em que participou, mas expuseram a escola e projetos interdisciplinares da graduação como os principais possibilitadores desse contato, o que reforça a importância desses espaços na ampliação do conhecimento cultural dos sujeitos. Como ambiente democrático e de socialização a escola é local onde o indivíduo pode ter o primeiro contato com elementos da cultura humana antes não imaginado. Na educação básica em especial o processo de formação da identidade está latente e pode deixar essas experiências marcadas na subjetividade. Nesse sentido retomamos Chauí (2008) quando afirma que o Estado deve entender a cultura como direito do cidadão propiciando o contato a ela para construção da memória e posterior produção a melhor maneira. Destacamos também a filosofia Salesiana e o estímulo às formas de conhecimento cultural, bem como o contato com elas, desenvolvida na instituição a partir do pátio e projetos interdisciplinares e de extensão, uma vez que entendemos a universidade como mais uma etapa de humanização.

No curso de Educação Física (sete voluntários) os alunos apresentam como experiências que os marcaram eventos da cultura popular e folclóricos, apresentações de teatro e visita a museus no período escolar e participações em momentos proporcionados pelas disciplinas acadêmicas. Um não respondeu e outro apontou um evento sertanejo anual de mídia local.

Os voluntários do curso de Farmácia (cinco) apontam festa junina e visita a monumentos como experiências culturais marcantes. Dois não responderam e um não teve nenhuma que o marcou. No curso de Enfermagem (cinco voluntárias) é relatada a experiência de visita a museu, a história de um filme e assistir apresentação cultural com canto e poema. Dois participantes não responderam.

Os três cursos contemplam o grupo das CS. A ausência de resposta por alguns nos leva a refletir sobre a não experiência artística desses sujeitos ou ao fato dessas vivências não terem os marcado. Novamente surge a escola e a universidade como momento de vivência dessas experiências por parte dos alunos, até mesmo quando assistindo ao filho numa apresentação na escola, que é o caso de um dos relatos.

Na turma de Ciências Biológicas (dezessete voluntários) do grupo CB as experiências vão da cultura folclórica, popular a erudita. Há também o contato com o cinema e a leitura como algo que marcou. Dois alunos expuseram experiências com a própria área de formação (Paleontologia e Museu de Biologia), seis não responderam e um afirma que nenhuma o marcou. Destacamos o relato de um acadêmico sobre a participação em Projeto de Extensão em Dança do curso de Educação Física da FCSES e que o fez ter contato com diversas culturas desconhecidas até então. Interessante pensar sobre a indicação de experiências que envolvem aspectos restritos a formação profissional da área como algo marcante para alguns alunos como foi o caso da leitura e museu como auxílio na formação e realização profissional.

Na pergunta seguinte o participante deveria identificar alguma relação entre as experiências culturais mencionadas no questionário e a formação Universitária. No curso de Filosofia os acadêmicos apontam tais manifestações artísticas como expressão de conhecimento e que estão relacionadas a área de atuação deles. Além disso, veem esse contato como uma maneira de reflexão e ampliação do conhecimento. Dois participantes não atenderam a questão.

Os participantes da Psicologia apontam as experiências artísticas como oportunidade de ampliação do conhecimento que contribui para atuação profissional. Forma de conhecer os comportamentos humanos. Também que na formação superior é possível acesso a novas expressões culturais. Um participante não identifica relação.

No curso de Serviço Social os voluntários enxergam as experiências como contribuição para o trabalho com diferentes públicos, uma vez que, colabora na formação dos sujeitos e seus valores e amplia a visão de mundo influenciando na atuação com os diversos tipos de públicos que atendem. Outros mencionaram a experiência somente por meio de participação em projeto de extensão e no estágio. Um não respondeu e outro não identifica relação entre os dois elementos.

Na Administração alguns participantes afirmam que são agregados valores e conhecimentos, seja para aumentar a capacidade de produção, abrir espaços para atuação ou fundamentar ideias. Uma das respostas não atendeu a questão, um não respondeu e outro afirma que experiências culturais e formação Universitária são elementos distintos.

Quando o universitário na eminência de finalizar o curso de graduação e de fato tornar-se um profissional não responde a questão sobre a relação entre suas experiências e a formação superior pode-se indagar se ao longo desses anos não houve uma reflexão a respeito, seja partindo dele enquanto sujeito ou incentivada durante o curso. Nesse patamar refletimos essa

condição de minoridade (KANT, 1985), como comodismo dos sujeitos em deixar para outro o pensamento sobre as questões que o norteiam, uma vez que, mencionamos as atividades institucionais que oferecem oportunidades extensivas ao curso de graduação. Em especial se estamos analisando o grupo das CHSA cujo estudo das relações humanas é mais presente. Seria um fator de confirmação do quanto a visão do saber fazer, ser técnico para atuação no mercado está na ideologia do homem enquanto participante em um contexto social mercadológico. Apesar dos estudos sobre relações humanas, ao que parece, os mecanismos coercitivos e alienadores ainda predominam sobre parte dos universitários da pesquisa, deixando que a ideologia da valorização do saber fazer sem autonomia impere substituindo a autorreflexão do espírito (MAAR, 2003).

Em contrapartida observamos respostas que indicam as linguagens artísticas como forma de conhecimento. Entendemos que isso é considerada-la como algo que representa o humano em seus diferentes contextos históricos e sociais. Como consequência os participantes apontam esse conhecimento como mecanismo para melhor compreender e assistir profissionalmente os sujeitos com quem irão tratar no mercado de trabalho. Entendemos nessa perspectiva que os sujeitos se aproximam da maioria, conceito de Kant (1985), uma vez que no exercício do pensamento fogem de interpretações idealistas e enxergam a diversidade humana, neste caso representado nas manifestações culturais, como forma de conhecimento e que serão transmitidas. Como aponta Severino (2006) humanizar é papel da humanidade, bem como exercer o conhecimento em sua plenitude. Através desse grupo também percebemos o papel da educação na emancipação, mesmo sem ignorar o modelo social vigente e colaborando para a formação de sujeitos-profissionais.

Os participantes do curso de Educação Física associaram a pergunta a atividades promovidas pelas disciplinas e aos conteúdos que poderão ministrar enquanto futuros professores. Apontam a diversificação das experiências com as manifestações culturais para ampliação do conhecimento e possibilidades de atuação profissional. Um não respondeu. Outros mencionaram as vivências durante o curso.

No curso de Farmácia dois alunos apontam a graduação como meio de conhecer, escolher e perceber as manifestações culturais. Os demais não identificam relação entre os dois elementos afirmando não ter contato ou que cada indivíduo tem uma cultura própria. Já no curso de Enfermagem dois não responderam, uma resposta não atendeu a questão e outras duas relacionaram leitura e filmes à pesquisa acadêmica.

Neste grupo vemos a graduação como última lembrança de contato com cultura artística. Percebemos também nos dois primeiros cursos que esse contato é uma forma de conhecimento e auxílio para atuação profissional e também que a Universidade colaborou para maior contato com essa cultura. Identificamos também que a arte pode auxiliar na pesquisa acadêmica, mas acreditamos que não deve se restringir a essa questão. Os profissionais das CS também atuam em contato com diferentes indivíduos. As relações são cotidianas, em especial quando professores e enfermeiros, isso significa que encontros culturais carregados pelos sujeitos também serão constantes.

Os voluntários do curso de Ciências Biológicas tiveram três tipos de relações entre as experiências culturais e a formação Universitária. No primeiro caso apontam que tais experiências estimulam a o senso crítico dos sujeitos e que na graduação obteve a experiência mais marcante. No segundo caso associam com a área de formação seja para agregar valor aos estudos em biologia (museus, parques, filmes), forma de entendimento da interação homem/meio ambiente ou alívio das tensões profissionais. Os demais não veem relação entre os dois elementos, pois partiram da vontade individual ou que o curso não os incentivou a isso. Alguns não reponderam.

O fato de se tratar de um curso de bacharel pode ser fator para tornar a questão do saber técnico mais relevante no grupo CB. Porém, o trato desse profissional nos ambientes naturais engloba questões de relação com a sociedade do local em que irá atuar e quando nos referimos a relações sociais a ampliação do conhecimento cultural favorece esse contato. A cultura consiste numa criação social, não há formas determinadas de cultura, pois está sempre em discussão o que a faz ser transformada. Chauí (2008) afirma que ela realiza mudanças nas experiências imediatas e faz surgir novas. Esse novo parte da interpretação, imaginação e sensibilidade dos que com ela tem contato a partir das relações sociais com os diversos.

Perguntamos também se os participantes acham que as experiências culturais tem influência em sua prática profissional. No curso de filosofia os alunos apontam que a arte auxilia numa visão apreciativa dos elementos que a compõem, além disso, a produção da própria arte e ela como expressão do conhecimento humano é potencializadora do senso crítico. Dois responderam que não há influência.

Na Psicologia os participantes mencionam as experiências culturais como forma de aprimoramento do indivíduo e maneira de compreendermos fenômenos sociais. Apontam a criatividade como algo que emana das manifestações culturais e que pode auxiliar nas

demandas profissionais. Um voluntário afirma que não há influência, pois não foi marcado por nenhuma experiência.

Os acadêmicos do Serviço Social relatam que as experiências auxiliam na formação pessoal podem possibilitar maior entendimento na atuação técnica metodológica dos atendimentos feitos na profissão. Também ampliam a visão sobre as diversidades presentes no contexto de atuação. Apenas um não respondeu. Já os acadêmicos da Administração em geral não atenderam a questão. Abordaram objetivamente as palavras: mais humano, diversidade, ética profissional e mais conhecimentos.

As CHSA nos apresentam uma visão das manifestações culturais como um conhecimento de ordem social e que auxilia no aprimoramento do sujeito. Compreendemos isso como o alcance do entendimento de algo que pode ser apreciado e interiorizado e a partir disso influencia-los no fazer profissional. Na Administração observamos um conceito que envolve mais respeito e solidariedade no sentido da palavra “humano” colocada por um dos participantes. Nesse caso percebemos que os estudos relativos às ciências humanas auxiliam na ampliação da visão dos universitários sobre o que seriam as construções e simbolismos criados historicamente pelas sociedades. Quando Severino (2006) defende a presença da filosofia enquanto atividade reflexiva nos cursos superiores, acreditamos que se vincula também a fomentar o exercício intelectual sobre os diversos tipos de conhecimento humanos e que extrapolam os conceitos técnicos. Na Administração há particularmente um envolvimento com aspectos de mercado.

Os voluntários do curso de Educação Física veem o contato com as experiências culturais como forma de ampliação dos conhecimentos profissionais e desenvolvimento na atuação. Além disso, apontaram a quebra de padrões e preconceitos a partir do contato com as manifestações culturais diversas. Mencionaram também que a proximidade com determinada forma de arte não pode limitar o profissional em suas ações a partir da preferência pelas que já conhece. Um não respondeu.

Os universitários do curso de Farmácia apontam a influência das experiências apenas na comunicação com as pessoas e da formação intelectual. Um participante afirma que não, mas não justifica. Do curso de Enfermagem dois não responderam, um acredita que não há relação direta, um acha que somente os livros e a internet podem auxiliá-lo na prática profissional e outro acredita que a arte expande os conhecimentos.

No grupo das CS observamos que a arte é entendida, em geral, como ampliação do conhecimento para o trato profissional devido o contato com pessoas, ou seja, o uso das manifestações artísticas para agregar valor ao conhecimento profissional. Uma questão interessante é a menção sobre a experiência com as expressões artísticas como fomentadora da quebra de padrões e preconceitos o que percebemos como entendê-la como algo não hierarquizado, mas que pode ser compartilhado.

No curso de Ciências Biológicas mencionam que as experiências influenciam no conhecimento dos diferentes comportamentos sociais dos contextos em que irão atuar e a partir disso entender os costumes locais. Quatro não responderam e três não veem influência entre os dois elementos. Os demais relacionam a experiência cultural a formas de pesquisa para atuação (estudo de fósseis, literatura da área, visualizar animais extintos).

Fechamos as questões abertas perguntando em que momento da atuação profissional os voluntários relacionam com as experiências culturais vivenciadas por eles. Os participantes do curso de Filosofia apontam os momentos de reflexão sobre os contextos de atuação e na relação com as pessoas. Mencionam também as produções acadêmicas avaliativas (textos, pesquisas, estágio). Um afirma que não há um momento específico, outro acredita que em nenhum momento e outro não respondeu.

Na Psicologia os alunos relatam as experiências culturais como meio de ampliação do conhecimento e de compreender os diferentes sujeitos e suas diferentes necessidades tendo em vista que são social e historicamente construídos. Colocam as representações artísticas como forma de expressão do cotidiano e da subjetividade. De maneira mais específica as colocam como meio a ser utilizado nas atividades com crianças e um responde que em nenhum momento as experiências estão presentes na atuação profissional.

Os acadêmicos do curso de Serviço Social apontam em sua maioria que as experiências influenciam no contato com as pessoas em seus atendimentos e cotidiano ampliando o olhar sobre os sujeitos e facilitando o entendimento sobre determinadas realidades. Mencionam os estágios supervisionados da graduação, em especial quando em projetos culturais, esportivos e de lazer. Duas não responderam a questão.

Os futuros administradores participantes da pesquisa de maneira sucinta colocam os momentos de relacionamento interpessoal seja profissional ou pessoal que acontecem diariamente. Dois não responderam e um afirma que, por enquanto, não enxerga nenhuma relação entre os elementos experiências culturais e atuação profissional.

Percebemos no grupo CHSA que em geral apontam que suas experiências culturais podem auxiliá-los profissionalmente na percepção dos sujeitos que irão lidar. Interessante a compreensão das linguagens artísticas como forma de conhecimento, porém destacamos que esse conhecimento é de caráter humano e extrapola os limites do ensino acadêmico ou escolar. Também o entendimento desses sujeitos como construídos pelo contexto sócio-histórico. Verificamos os momentos de estágio como meio de perceber e refletir sobre tal relação. Algumas respostas se limitaram a relação entre pessoas e não explanaram sobre. Encontramos ainda as negativas, aqueles que não percebem suas experiências culturais presentes em seu fazer profissional. Podemos entender como uma visão instrumental do trabalho que requer um fazer metódico sem análises subjetivas ou críticas.

Os alunos do curso de Educação Física associaram as experiências culturais a momentos de construção cultural que aconteceram no ambiente acadêmico especialmente. Também mencionaram as escolhas de conteúdos a ser trabalhado e diálogo com seus alunos. Um não respondeu. No curso de Farmácia relacionam com o contato diário com pessoas e nos estágios acadêmicos. Assim como os participantes do curso de Enfermagem. Neste há uma menção a solidariedade. Três alunos não responderam.

Nesse grupo, CS, houve uma associação entre as experiências vivenciadas durante a graduação, em disciplinas do curso e os conteúdos que serão utilizados no ambiente profissional. Foi o caso do curso de Educação Física, que dessas vivências poderá fazer parte da atuação enquanto professor. Observamos também que o contato com pessoas é o fator preponderante nas respostas, porém refletimos se esse contato é apenas uma forma de saber lidar com os “clientes” para satisfazê-los no exercício da profissão ou se almejam conhecer de fato o que influencia essas pessoas na construção de sua identidade. Quanto ao profissional (pessoa) sua identidade sofre influências das experiências pessoais ao longo de sua vida e como consequência se entrelaça aos conhecimentos da prática profissional para que possa além de ser, saber fazer.

No curso de Ciências Biológicas apontaram a relação entre as experiências culturais vivenciadas e a atuação profissional como parte do conhecimento e dos momentos e estudo, nas críticas e apuração da ciência. Se pensarmos que suas intervenções ocorrem em ambientes com diversas realidades, em especial culturais essas respostas direcionam para uma compreensão de que a aproximação com o universo de atuação faz-se necessário. Em contrapartida reforçamos a ideia de que o sujeito precede ao profissional e que as experiências com as linguagens artísticas, por se tratarem de obras humanas, são direito no processo de

formação do indivíduo social. Duas respostas não atenderam a questão, seis não reponderam e não veem relação entre os dois elementos.

Neste capítulo foi possível apresentar a investigação sobre as experiências que os estudantes da FCSES têm com as manifestações artístico culturais de maneira quantitativa sob a forma de tabelas com os percentuais mais e menos significativos. Como esses universitários relacionam essas experiências com a formação profissional pudemos diferenciar a partir dos cursos e suas áreas do conhecimento algumas diferenças.

O entendimento sobre cultura está sim relacionado a formação profissional. No grupo das CHSA há uma aproximação maior com a visão de cultura como construção humana de ordem simbólica que apresentamos, a partir de Chauí (2008), como produção e criação por parte dos sujeitos. No grupo das CS e CB quando fazem tal relação o conceito se aproxima mais a aspectos voltados para facilitação do trabalho. Percebemos duas visões sobre o entendimento cultural. Uma de caráter restrito e outra mais ampliada. A essa visão restrita podemos atribuir ao que Adorno (2010) chama de semicultura ou semiformação, pois não engloba mais do que os conhecimentos necessários para atuação profissional. O que não quer dizer que isso não seja importante, mas não é o bastante para tratá-la como humana.

Uma formação cultural ao qual explanamos em nossa revisão é um processo de interação constante entre o sujeito e o meio e por estar sempre em reavaliação sofre mudanças também constantes. Nesse processo há reflexão e amadurecimento de conceitos e consciência sobre as dimensões culturais e sobre como a sociedade se apresenta (AQUINO, 2010). Consideramos que o processo Universitário consistiu num avanço quando os acadêmicos apontam relação entre as manifestações culturais e a formação profissional, porém não observamos uma formação cultural ampla. Especialmente quando apontam que somente a literatura e internet podem auxiliá-lo na prática profissional ou que são apenas formas de pesquisa profissional.

Cultura é algo amplo que se diferencia da abordagem mercadológica presente. Está relacionada a representação de um grupo e contexto. Nessa pesquisa focamos em manifestações que em geral não são vendidas como massa ou quando vendidas são reformulados aos interesses comerciais. Nessa medida podemos perceber uma preferência pelas manifestações mais difundidas pela indústria cultural, a música e o cinema ou filmes. Como já explanamos essa apreciação tem caráter funcional como forma de distração ou simples lazer e entretenimento. Chauí (2008) nos traz o entendimento de entretenimento como uma dimensão da cultura sendo ela processo criador e expressivo do pensamento e das artes.

Podemos perceber indícios em alguns grupos para uma formação cultural ampla, caso das CHSA. Acreditamos ser mérito das discussões próprias da área de conhecimento. Identificamos também um processo de transição entre a minoridade e a maioria definidas por Kant (1985) quando relatam uma visão apreciativa sobre a arte e cultura. Em contrapartida percebemos especialmente nos grupos CS e CB a absorção da coerção imposta pelo sistema produtivo para uma situação de minoridade, uma aceitação apenas dos estímulos externos no caso da formação profissional os mecanismos que tornaram seu trabalho mais valorizado.

Já explanamos através de Severino (2006) que o conhecimento científico, para ter valor e reconhecimento, está ligado a eficácia técnica e por isso identificamos nos acadêmicos essa relação funcional entre manifestações culturais e tarefas profissionais. No entanto a universidade prepara profissionais para os diversos campos da atividade humana, sejam cientistas, técnicos e especialistas que irão atuar nas práticas do existir humano que são a produção material, a vida social e a cultura simbólica. Identificamos nas IUS o interesse em colocar a pessoa humana no centro do processo de ensino e protagonista no empenho científico e cultural. Esse interesse se manifesta, por exemplo, nos projetos de extensão institucionais e apontamos no decorrer do trabalho três deles (Intervalo Cultural, Andanças e Cultura e Arte). Havendo no ambiente universitário estímulo para o contato com as manifestações artísticas acreditamos que a manutenção na minoridade pode estar vinculada ao comodismo dos estudantes, em especial a partir da consideração de uma das participantes da pesquisa quando afirma que se arrepende de não ter participado de atividades assim, mesmo que para adquirir uma bagagem profissional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propusemos neste trabalho investigar as experiências culturais dos universitários da FCSES, dando destaque para algumas manifestações artísticas, e a partir daí compreender como se relacionam com a formação profissional. Para isso buscamos um entendimento sobre cultura e explanamos como as criações artísticas têm servido de bens mercadológicos para a indústria cultural, que ao seu interesse massifica-as como mero consumo de entretenimento tornando os sujeitos reprodutores de gostos e desejos.

A análise da pesquisa, feita a partir dos dados do questionário, nos evidencia uma compreensão limitada de cultura. Nosso referencial aponta a cultura como expressão das necessidades e objetivações humanas e que envolve aspectos da vida social, de convivência, da política, da economia. Uma relação entre trabalho (que identifica o homem) e linguagem que o torna agente histórico na construção da cultura. Esse fazer histórico é carregado de subjetividade e cria as representações dos elementos culturais que no decorrer das relações humanas e com a natureza e num processo de reavaliação pode se recriar. Quando o pensar sobre cultura está direcionado para um de seus segmentos de maneira restrita percebemos então uma semicultura.

A maior parte dos acadêmicos, apesar da eminência de concluir a formação profissional, não refletiram sobre essa relação (experiências culturais e formação profissional) ou consideram que ela não existe. Alguns que as veem como algo importante direcionam para a ação profissional, como meio para aprender sobre a profissão ou melhorar a relação com outros indivíduos quando estão ou estiverem em atuação. Percebemos ainda uma abrangência da arte como forma de conhecimento e apreciação por um grupo ao passo que enxergamos aí uma tendência a emancipação, que acreditamos seja um viés para perda da alienação imposta pelo sistema de controle econômico.

Consideramos se a falta de busca por tal entendimento parte do comodismo dos sujeitos, inseridos em sua situação de minoridade, uma vez que, percebemos alguns estímulos oferecidos pela instituição superior em que estudam. Porém quando nos remetemos ao histórico do ensino superior e pensamos na educação básica brasileira compreendemos a falta dessa autonomia. O modelo da academia de Platão não tem influência no país. Ao contrário, as barreiras para implantação de Universidades e o incentivo as Escolas Superiores Profissionalizantes estão presentes na história educacional da sociedade brasileira. Em especial no século XX em que a valorização do ensino médio técnico as classes populares foi expressivo e que influencia no modelo de graduação e no modo de ver a formação. A

Universidade pública (ambiente de produção científica e do conhecimento) apresenta um processo de atendimento a classe mais favorecida, uma vez que esta pode arcar com ensino básico de maior qualidade e que atende aos processos de seleção das mesmas. Alguns incentivos tornaram o acesso as graduações privadas e curtas mais fáceis a classe popular, porém com processo de ensino pragmático, de atendimento as demandas técnicas do mercado. O ensino superior é uma “última” instância do processo educacional. Ao longo desse tempo o educando, se não estimulado a uma formação cultural ampla, é absorvido pelo processo alienador de estudar para o trabalho, para obter bons salários, para ter condições de consumir os bens comerciais em geral de cunho material e também relativos à cultura e ao lazer. Não percebe e não contesta seu papel reprodutor. Quando falamos em semicultura dos universitários deve-se a percepção de uma valorização a formação profissional sobre a formação integral e nessa condição o sujeito acessa o ensino superior com anseios de aprender a ser técnico. Percebemos uma formação profissional superior mais valorizada em relação a formação integral do sujeito e isso, de certa forma, nos explica a semicultura dos universitários. A Universidade precisa sim formar o indivíduo técnico para participação na sociedade capitalista, pois estamos inseridos nesse contexto, porém desconsiderar o humano presente em cada profissional é ser cúmplice da semiformação, é permitir a manutenção dessa condição. Ao que parece, a educação de um modo geral não consegue atender aos pressupostos críticos que apresentamos a uma sociedade alienada com vistas ao rompimento ao idealismo hegemônico (teoria crítica ou Escola de Frankfurt), que pensamos auxiliaria na fomentação da autonomia dos sujeitos que aqui entendemos como sujeitos- profissionais, por considerar que o humano não se desmembra do profissional.

Fazemos aqui uma analogia ao ensino da Educação Física que por muito tempo teve papel tecnizante, considerando o indivíduo em sua vertente biológica e motriz. O que nos remete a uma semiformação da área. Hoje esse entendimento (ainda merecendo mais reflexões por parte dos teóricos) de corpo abarca um existir humano numa dimensão sensível. As marcas culturais construídas nos corpos dos sujeitos ao longo de sua existência também devem ser pensadas na docência em Educação Física. Além disso, seus elementos de trabalho compõem construções humanas que a área se apropria e como tais podem ser reinventadas. Assim como as manifestações artísticas, as práticas corporais expressam as subjetividades humanas e podemos criar maneiras de pratica-las, dar-lhes significados, pois fazem parte da história cultural.

Ressalto nesse parágrafo uma vertente de cultura, as práticas corporais, vinculada a área de formação em Educação Física e que junto com outros processos incentivou o

desenvolvimento desta pesquisa. O contato mais próximo na graduação com projetos de fomentação da arte e o envolvimento mais próximo com a dança aguçaram questionamentos sobre a relação delas com a formação humana. Mais ainda se essa relação poderia permear as diferentes áreas do conhecimento (profissões). Também fizeram perceber quão diversificada e a linguagem artística e que o acesso a elas não envolve necessariamente custos, mas quebrar barreiras que nos degradam a condição de minoridade. Nesse contato a reflexão sobre os comportamentos dos sujeitos e a percepção sobre argumentações utilizando frases do senso-comum tornou-se mais eminente, assim como pelo padrão de preferência dos indivíduos, que buscam sobreviver ao mundo material e quando em contato com a arte lhe dão cunho funcional.

A oportunidade e a busca em participar de projetos que extrapolam a grade curricular com intuito de acrescentar a formação docente ampliaram a compreensão sobre cultura, humano e formação. Entender a cultura como algo humano é estar aberto as contradições. É inserir-se no contexto social presente sem permitir que os anseios e necessidades sejam absorvidos por restrições ideológicas. São esses anseios que contribuem para que as transformações culturais aconteçam e tornam os sujeitos agentes históricos de cultura. Nessa condição a sensibilidade pode contribuir para emancipação dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ADORNO, T. W. Teoria da semiformação. In: PUCCI, B. et al. (org.) **Teoria crítica e inconformismo**. Campinas: Autores associados, 2010, p.7-40.

ADORNO, T. W. **Os pensadores**. Trad. Zeljko Loparic, Andréa Maria Altino de Campos Loparic, Edgard Afonso Malagodi, Ronaldo Pereira Cunha, Luiz João Baraúna, Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1996. Disponível em: <<http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/babel/textos/adorno-dialetica-positivismo.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2015.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. (Tradução de Guido Antônio de Almeida). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

AQUINO, F. L. A **dialética da formação cultural em Theodor W. Adorno**: considerações sobre a educação e o ensino de filosofia hoje. Saberes, Natal – RN, v. 2, n. 5, ago. 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/410/482>>. Acesso em: 16 dez. 2015.

BARROS, A. J. P. **Projeto de pesquisa**: propostas metodológicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

BOHRER, I. N et al. A história das universidades o despertar do conhecimento. In: Jornada Nacional de Educação: A Educação na Sociedade dos Meios Virtuais, 14, 2008, Santa Maria – RS. **Anais eletrônicos da Jornada Nacional de Educação**: A Educação na Sociedade dos Meios Virtuais. Disponível em: <<http://www.unifra.br/eventos/jne2008/Trabalhos/114.pdf>>. Acesso em: 27 ago. 2015.

BORGES, Carlos Nazareno Ferreira. **Um só coração e uma só alma**: as influências da ética romântica na intervenção educativa salesiana e o papel das atividades corporais. 2005. 219 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <<http://cev.org.br/arquivo/biblioteca/4018566.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2016.

BRASIL. **Constituição dos Estados Unidos do Brasil**, de 10 de novembro de 1937. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao37.htm>. Acesso em: 04 abr. 2016.

BRASIL. **Decreto 2.306, de 19 de agosto de 1997**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D2306.htm>. Acesso em: 21 mar. 2016.

BRASIL. **Decreto nº 62.937**, de 2 de julho de 1968. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-62937-2-julho-1968-404810-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 04 out. 2015.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Nº 5.692 de 11 de agosto de 1971. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5692.htm>. Acesso em: 04 abr. 2016.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 21 mar. 2016.

BRASIL. **Lei nº 5.540**, de 28 de novembro de 1968. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/Leis/L5540.htm>. Acesso em: 04 out. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Centenário da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica**, [2008 ou 2009]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/setec/arquivos/centenario/historico_educacao_profissional.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução Nº196/96** versão 2012. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/aquivos/resolucoes/23_out_versao_final_196_ENCEP2012.pdf>. Acesso em: 12 out. 2015.

CAVALCANTI, L. M. D. e PEREIRA, C. M. O valor e a importância da literatura para a formação do homem: dois autores, Machado de Assis e Manuel Bandeira. **Revista Travessias**, Ed. 10, vol. 4, nº 3, 2010. Disponível em: <<http://www.unioeste.br/travessias/EDUCACAO/O%20VALOR%20E%20A%20IMPORTANCIA.pdf>>. Acesso em 11 jul 2015.

CHAUI, M. Cultura e democracia. En: **Crítica e emancipación**: Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Buenos Aires, Año 1, nº 1, jun. 2008. 53-76. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/CyE/cye3S2a.pdf>>. Acesso em: 09 abr. 2016.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO – CNPq. **Dados abertos**: área de conhecimento. ([20..]). Disponível em: <<http://www.cnpq.br/documents/10157/186158/TabeladeAreasdoConhecimento.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2016.

COSTA, J. M. **A formação nas garras da indústria cultural**: o constituir-se professor de educação física. 2011. 171 fl. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Desportos, Vitória, 2011. Disponível em: <<http://cev.org.br/arquivo/biblioteca/4014247.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2016.

DURHAM, Eunice Ribeiro. Ensino Superior no Brasil e Desenvolvimento. **Interesse Nacional**, São Paulo, Ano 3, n. 10, julho-setembro 2010. Disponível em: <<http://interessenacional.com/index.php/edicoes-revista/ensino-superior-no-brasil-e-desenvolvimento/>>. Acesso em: 22 out. 2015.

FACULDADE CATÓLICA SALESIANA DO ESPÍRITO SANTO. **Missão**. [20..]. Disponível em: < <http://www.catolica-es.edu.br/institucional/missao>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

FACULDADE CATÓLICA SALESIANA DO ESPÍRITO SANTO **Presença Salesiana: 70 anos no Espírito Santo**. 09 ago. 2013. Disponível em: < http://www.catolica-es.edu.br/noticia/70_anos>. Acesso em: 27 mar. 2016.

FÁVERO, M. L. A. A Universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 17-36, 2006. Editora UFPR. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/er/n28/a03n28>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

FONSECA, Celso Suckow. **História do Ensino Industrial no Brasil**. Rio de Janeiro: Escola Técnica Nacional do Rio de Janeiro, 1961.

FREITAS, V. **Rodrigo Duarte, Teoria crítica da indústria cultural**. Resenha. *Kriterion*, Belo Horizonte, n° 109, Jun/2004, p. 191-198. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/kr/v45n109/v45n109a10.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2016.

FUNDAÇÃO DE COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR – CAPES. **Tabela de Áreas de Conhecimento/Avaliação**. 01 abr. 2014. Disponível em: < <http://www.capes.gov.br/avaliacao/instrumentos-de-apoio/tabela-de-areas-do-conhecimento-avaliacao>>. Acesso em: 26 abr. 2016.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

INSTITUIÇÕES SALESIANAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR. **Identidade das Instituições Salesianas de Educação Superior**. Ed. SDB. Roma, 2003. Disponível em: < http://www.catolica-es.edu.br/fotos/files/IUS_Identidade.pdf >. Acesso em: 17 ago. 2015.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA - INEP. **Censo da Educação Superior 2013**: resumo técnico. Brasília, 2015. Disponível em: < http://download.inep.gov.br/download/superior/censo/2013/resumo_tecnico_censo_educacao_superior_2013.pdf >. Acesso em: 19 mar. 2016.

ISKANDAR, J. I.; LEAL, M. R. Sobre positivismo e educação. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 3, n. 7, p. 89-94, set./dez. 2002. Disponível em: < <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?dd1=654&dd99=view&dd98=pb>>. Acesso em: 2 nov. 2015.

KANT, Immanuel. Resposta a pergunta: o que é esclarecimento? In: _____. **Textos Seletos**. Trad. Raimundo Vier; Floriano de Sousa Fernandes; Emmanuel Carneiro Leão. 2 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1985. Disponível em: < <http://abdet.com.br/site/wp-content/uploads/2014/10/Textos-seletos.pdf> >. Acesso em: 11 abr. 2016.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**: material de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LEITE, Denise. MOROSINI, Marília. Universidade no Brasil: a Ideia e a Prática. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v.73, n.174, p.242-254, maio/ago. 1992. Disponível em: < <http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/450/455> >. Acesso em: 20 ago. 2015.

MAAR, W. L. Adorno, semiformação e educação. **Educação e Sociedade**, vol. 24, n. 83, p. 459-476, agosto 2003. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/es/v24n83/a08v2483.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2015.

MALATO, M. L. A academia de Platão e a matriz das academias modernas. **Notandum**, Portugal, Ano XII, n. 19, jan-abr. 2009. Disponível em: <<http://hottopos.com/notand19/malato.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2015.

MARX, K.; ENGELS, F. A história dos homens (A ideologia alemã). In: FLORESTAN, Fernandes (Org.). **Marx/Engels – História (coleção grandes cientistas sociais)**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1989. p. 182-219.

OLIVEIRA, T. Origem e memória das universidades medievais: a preservação de uma instituição educacional. **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 23, n. 37, p.113-129, Jan/Jun 2007. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-87752007000100007&script=sci_arttext >. Acesso em: 27 ago. 2015.

PALMA, A.; ASSIS, M. Autonomia. In: GONZALES, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (Org.) **Dicionário Crítico da Educação Física**. 2 ed. Ijuí: Ed.Unijuí, 2008. p. 37-40.

PAULA, M. F. A formação universitária no Brasil: concepções e influências. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 14, n. 1, p. 71–84, mar. 2009. Disponível em: < <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php?journal=avaliacao&page=article&op=view&path%5B%5D=298&path%5B%5D=299>>. Acesso em: 17 ago. 2015.

PEREIRA, E. M. A. A Universidade da modernidade nos tempos atuais. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 14, n. 1, mar., 2009. p. 29-52. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/aval/v14n1/a03v14n1.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2016.

RAMPAZZO. L. A identidade da Universidade, da Universidade Católica e das IUS (Instituições Salesianas de Educação Superior). **Revista de Ciências da Educação**, Americana, Ano XV, v. 02, n. 29, pp. 104-118, jun-dez 2013. Disponível em:< <http://www.revista.unisal.br/ojs/index.php/educacao/article/view/307/276> >. Acesso em: 29 mar. 2016.

RAPCHAN. E. S. Folclore. In: GONZALES, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (Org.) **Dicionário Crítico da Educação Física**. 2 ed. Ijuí: Ed.Unijuí, 2008. p. 37-40.

REBOLLO, Regina Andrés. A Escola Médica de Pádua: medicina e filosofia no período moderno. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.17, n.2, abr.-jun. 2010, p.307-331. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v17n2/03.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

SALESIANOS DE DON BOSCO. **Los grupos de la familia**. 2016. Disponível em: <<http://www.sdb.org/es/familia-salesiana/989-los-grupos-de-la-familia-es>>. Acesso em: 16 maio. 2016.

SAMPAIO, H. O setor privado de ensino superior no Brasil: continuidades e transformações. **Revista Ensino Superior Unicamp**, Campinas-SP, p. 28-43, 14 out. 2011. Disponível em: <<https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/o-setor-privado-de-ensino-superior-no-brasil-continuidades-e-transformacoes>>. Acesso em: 01 mar. 2016.

SEVERINO, A. J. A filosofia na formação universitária. In: MAAMARI, Adriana M.; BARROS, A. Tadeu C. de; WEBER, J. Fernandes. (Org.). **Filosofia na Universidade**. Ijuí: Editora Unijui, 2006. p. 91-106.

SILVA, F. L. Reflexões sobre o conceito e a função da universidade pública. **Estudos Avançados**, São Paulo, vol. 15, nº 42, p. 295-304, mai./ago. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000200015>. Acesso em: 21 mar. 2016.

SILVA, J. R. A. **Intervalo Cultural**. Vitória. 2015 (Projeto de Extensão, edital 2015/2. Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo).

SILVA, O. V. Teoria crítica e semiformação: algumas considerações. **Revista Científica Eletrônica de Pedagogia**, ano XI, n. 21, jan. 2013. Disponível em: <http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/7hoNeu63HD1XbFy_2013-7-10-17-53-22.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2016.

SIMÕES, M. L. O surgimento das universidades no mundo e sua importância para o contexto da formação docente. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v.22, n.2, p. 136-152, jul.-dez. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rteo/article/view/17783>>. Acesso em: 27 ago. 2015.

VAGO, T. M. Pensar a Educação Física na escola: para uma formação cultural da infância e da juventude. **Caderno de Formação RBCE**, Florianópolis, SC, v. 1, n. 1, p. 25-42, set. 2009. Disponível em: <<http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/930/540>>. Acesso em: 18 maio 2016.

VIAMONTE, P. F. V. S. Ensino profissionalizante e ensino médio: novas análises a partir da LDB 9394/96. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, v. 2, n. 1, p. 28-57, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.seer.ufv.br/seer/educacaoemperspectiva/index.php/ppgeufv/article/viewFile/67/47>>. Acesso em: 25 mar. 2016.

APÊNDICE A – Questionário
FACULDADE CATÓLICA SALESIANA DO ESPÍRITO SANTO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Questionário

O presente questionário trata de um estudo de investigação, parte de uma pesquisa de iniciação científica do curso de Licenciatura em Educação Física da Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo. Destina-se à coleta de dados para identificar as experiências culturais dos acadêmicos dos períodos finais dos cursos ofertados pela instituição citada no seu tempo de lazer com o intuito de discutir a relação da formação cultural, em especial da formação estética com a formação profissional. O questionário é de resposta anônima; assim, pede-se para não assinar o nome. As respostas são confidenciais e servem apenas como base de dados para o estudo. É importante que responda todas as questões.

1. Elementos de Identificação:

Sexo: () Feminino () Masculino

Curso: _____ **Período:** _____

2. Em relação à internet:

2.1 Quais os sites que você mais frequenta?

2.2 O que você mais pesquisa/procura na internet?

3. Como você usufrui o seu tempo livre/ de lazer? Assinale de acordo com a escala.

	Não usufruo	Muito pouco	Pouco	Muito	Muitíssimo
Passear em parques/praças					
Culto religioso					
Ir a praia/ rio					
Pratica de esportes					

	Não usufruo	Muito pouco	Pouco	Muito	Muitíssimo
Televisão					
Internet					
Vídeo game					
Assistir a filme em casa					
Bar					
Lanchonete/Restaurante					
Festa c/ amigos(as)					
Cinema					
Shopping Center					
Parque de diversões					
Circo					
Estádio de futebol					
Assistir a evento esportivo					
Show de Música					
Escola de Samba					
Museu/Exposição de arte					
Teatro					
Viajar					
Dormir					
Ouvir música					
Outro:					

4. Dessas experiências culturais, qual você frequenta? Assinale de acordo com a escala.

	Não frequento	Frequento muito pouco	Frequento pouco	Frequento muito	Frequento muitíssimo
Música					
Teatro					
Cinema					
Dança					
Literatura (não acadêmica)					

	Não frequentemente	Frequentemente pouco	Frequentemente pouco	Frequentemente muito	Frequentemente muitíssimo
Artes plásticas					
Fotografia					
Manifestações folclóricas					
Outra:					

5. Dessas experiências culturais, qual te agrada? Assinale de acordo com a escala.

	Não me agrada	Agrada muito pouco	Agrada pouco	Agrada muito	Agrada muitíssimo
Música					
Teatro					
Cinema					
Dança					
Literatura (não acadêmica)					
Artes plásticas					
Fotografia					
Manifestações Folclóricas					
Outra:					

6. Quem ou quais pessoas, você diria que tiveram maior influência no gosto que você tem por realizar ou participar de atividades culturais? Mais alguém?

Os pais	
Namorado (a) / marido/ esposa	
Familiares, parentes (tio, avós, primos, etc.)	
Os amigos, colegas	
Escola, professores, orientadores	
A igreja	
Filhos	
Ninguém	
Outros	

7. Costuma ir ao cinema? () Sim () Não

7.1 Se sim, com que frequência?

() 1 vez a cada dois meses () 1vez/mês () 2 vezes/mês () 3 vezes/mês () acima de três vezes/mês

7.2 Cite os três melhores filmes que já assistiu

8. Costuma assistir filme em casa? () Sim () Não

8.1 Se sim, com que frequência?

() 1 vez a cada dois meses () 1vez/mês () 2 vezes/mês () 3 vezes/mês () Mais de três vezes/mês

8.2 Qual a fonte?

() Aluga () Assiste da televisão () Baixa da internet () Compra
() Outro _____

9. Costuma ir ao teatro? () Sim () Não

9.1 Se sim, com que frequência?

() 1 vez a cada dois meses () 1vez/mês () 2 vezes/mês () 3 vezes/mês () Mais de três vezes/mês

9.2 Qual foi a última apresentação teatral que assistiu?

9.3 Cite seus diretores, atores e atrizes de teatro preferidos:

10. Você tem o hábito de ouvir música? () Sim () Não

10.1 Se sim, em que situação? _____

10.2 Se sim, com que frequência?

() raramente () 1h/dia () 2h/dia () 3h/dia () Acima de 4h/dia

10.3 Cite seus intérpretes preferidos (cantor, cantora):

11.4 Qual estilo musical que mais te agrada? Assinale de acordo com a escala.

	Não me agrada	Agrada muito pouco	Agrada pouco	Agrada muito	Agrada muitíssimo
Axé					
Blues					
Bossa nova					
Caipira raiz					
Congo					
Erudita/Clássica					
Forró					
Funk					
Jazz					
Hip hop					
Pagode					
Pop rock					
Reggae					
Religiosa					
MPB					
Rock					
Samba					
Sertaneja					
Outro:					

12. Com relação à música clássica/erudita, dos julgamentos expressos abaixo, qual é aquele que é mais próximo de sua opinião?

- () a música erudita é complicada
- () a música erudita não é para pessoas como eu
- () aprecio a música erudita, mas não a conheço
- () gosto bastante da música erudita

interesse-me por toda música de boa qualidade

13. Toca algum instrumento musical? Sim Não **Qual?** _____

14. Costuma ler livros não relacionados à graduação? Sim Não

14.1 Cite os seus três autores/as preferidos:

14.2 Cite os três últimos livros que leu:

15. Já escreveu algum conto, poema, crônica? Sim Não

15.1 Se sim, em qual situação? _____

15.2 Se sim, qual tipo de produção (conto, poema, crônica etc.)?

15.3 Sobre qual tema escreveu?

16. Costuma ler jornal? Sim Não

16.1 Qual? _____

16.2 Se sim, com que frequência?

Diariamente Algumas vezes por semana Somente aos domingos ou 1 vez/semana

Raramente Nunca

16.3 Qual a seção do jornal você mais lê?

esportes caderno dois política economia família cidade internacional

outros _____

17. Já foi a alguma festa folclórica? Sim Não **Qual?** _____

18. Você vai a museus? Sim Não

18.1 Se sim, com que frequência?

1 vez a cada dois meses 1 vez/mês 2 vezes/mês 3 vezes/mês Mais de

três vezes/mês

18.2 Cite os seus Museus preferidos:

19. Qual foi a experiência cultural que mais te marcou? Que tipo? Mais de uma? Descreva:

20. Você identifica alguma relação entre as experiências culturais mencionadas neste questionário e a sua formação Universitária? Justifique sua resposta.

21. Você acha que as experiências culturais tem influência em sua prática profissional? Se sim, como?

22. Em que momento da sua atuação profissional você relaciona com as experiências culturais vivenciadas?

ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

FACULDADE CATÓLICA SALESIANA DO ESPÍRITO SANTO

Você está sendo convidado (a) a participar como voluntário de uma pesquisa cujo tema é “A presença das experiências artístico culturais na formação universitária: um processo formação profissional e humano na Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo”. Sua colaboração é de fundamental importância para realização da pesquisa. Cabe destacar que não se trata de uma participação obrigatória e não acarretará custos. A qualquer momento você poderá desistir de participar e retirar o seu consentimento. Sua recusa não trará prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

A pesquisa a ser realizada parte de uma Iniciação Científica do curso de Licenciatura em Educação Física da Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo. Esta tem como objetivo Investigar quais as experiências que os estudantes da Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo tem com as manifestações artístico culturais e como eles relacionam com a formação Universitária. Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder um questionário padronizado.

Não existem eventuais riscos ou benefícios diretos à sua pessoa relacionada à participação nesta pesquisa. As informações obtidas serão confidenciais, assegurando o sigilo absoluto. Os dados obtidos serão divulgados de forma que não possibilite sua identificação.

A pesquisa será convertida em um relatório de pesquisa, onde não constará o nome dos sujeitos colaboradores da pesquisa, preservando seu anonimato e poderá ser posteriormente publicada em forma de artigo científico, bem como apresentada em congressos e similares.

Informações sobre a pesquisa

Título do projeto: A presença das experiências artístico culturais na formação universitária: um processo profissional e humano na Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo

Pesquisador Responsável: Professora Dra. Talita Cristina Garcia

Aluna: Darlene Fabri Ferreira Rocha

Telefone para contato: (27) 3331-8500

Pesquisador Responsável

Estudante

Consentimento do Participante

Eu, _____, declaro que recebi e compreendi por completo as informações por escrito que constam neste documento e as explicações que me foram fornecidas. Fui informado que sou livre para escolher concordar em participar ou me recusar. Declaro estar ciente e esclarecido da pesquisa, seus objetivos, metodologia, riscos/benefícios, garantia de sigilo e liberdade para desistir de participar e colaborar com a pesquisa em qualquer etapa da mesma sem danos para a minha pessoa. Nestes termos, concordo em participar deste estudo.

Assinatura do Participante